



O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª

BAHIA 2 DE JUNHO DE 1864.

N.º 68

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
\$1000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## . O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, pedindo-lhe a attenção para a ladeira da Moritiba, da qual arrematou uma secção por 6:000\$ o Sr. Thomaz d'Aquino, a qual depois de atamancada ficou no mesmo pé, deteriorados os alveos, e com enormes fendas que tomam toda a extensão da rua, sem fallar na grande quantidade de cascalho que desce com a *inchurrada*, entalhando as casas que ficam juntas ao lado esquerdo da ladeira.

Além de que, são varios os destroços que tem alli havido, cabindo ainda no dia 25 do proximo passado um preto que quasi quebra a perna, ficando inteiramente deteriorada a carga que trazia.

Pelo que faz-se preciso cuidadoso esmero e energico affinco da parte de S. Ex., affim de que não continuem os sanguessugas dos cofres publicos a abusar da bondade do povo.

—A' camara municipal da capital, perguntando-lhe a razão porque não ha um curral nas Campinas, havendo um administrador, e pagando-se por cada cabeça de gado *vaccum* a nuharia de 820 rs.

—A' Camara municipal de Cachoeira, pedindo-lhe para mandar calçar as ruas de S. Felix, especialmente a do Quebra-Canela, que sendo sem declive, e de facil transito para as transacções da vida e do commercio, se acha sobre modo esburacada, dando lugar ao significativo nome que tem.

—A mesma, no mesmo sentido sobre a ladeira de Belem, na Cachoeira que foi calçada pelos jesuitas! e que se acha em deploravel estado, cheia de lama e precipicios, obrigando a quem por ella não queira passar a dar uma volta de tres leguas! para chegar à cidade.

—A mesma no mesmo sentido sobre a ladeira de Capoeirussú que se acha no mesmo estado, apesar dos repetidos concertos que se tem feito.

—Ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe providencias contra um celebre Marcolino, escravo de uma tal Agueda, o qual tem um lupanar à Estrada das Boiadas, em que, além dos necessarios desaforos que em taes alcouces se costumam dar, ha sempre em todas as noites e fora d'horas um furioso samba, que impede aos moradores daquelle logar conciliarem o somno. O que é impossivel que continue, e cuja extincção se espera de S. S; couvindo notar que uaquele lo-

gaz, por ser remoto talvez, e por isso mesmo mais sujeito a desordens e roubos, raras vezes chega a acção da policia.

Portaria aos fiscaes da Cachoeira e S. Felix, ordenando-lhes que tenham mais zelo com o accio das ruas. Cumpram.

—Ao ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, para que faça cessar quanto antes o abuso de certo commissario que se não presta a cantar a *ladainha* nas missas, em que tem logar essa cerimonia, mandando vir para cantalza o sacristão-mor, provocando esse proceder a censura dos fieis, que ignoram que tenha tal *roseira* tanta faculdade como si fosse algum bispo n'alguma diocese de potes. Cumpra.

—Quero que o Sr. me alugue a sua caça.

—Quem é seu fiador?

—O capitão João Carvalho.

—Não conheço.

—Que diz, Sr.?! um homem aqui do commercio, tão conhecido nesta cidade!

—Conheces, rapaz?

—Não, senhor.

—Serve-lhe o Dr. Couto?....

—Não conheço.

—Deputado provincial, morador como o primeiro em Santo Antonio.

—Não conheço; conheces, rapaz?

—E' um que é genro do Azevedo?

—Sim, Sr.

—Este serbe; mas não tracto por ora, que a caça está em concerto. »

Foi o que entre nós se passou; e como diz V. que está compromettido?

Esta canalha de gallegos ladrões desconfia de todos; mas não me offende quem por si me julga.

Já o comprehendo, meu charo.

Sr. *Amarellinho*, fique sabendo que havemos de ajustar contas, e breve.

E o ajuste será arrumar-lhe nessa safads cara com um *cabello-louro* dos mais reseçados que V. tiver guardado na sua *dispensa*.

Até logo, gallego!

—Ail que o homem é do *Alabama*!

—Sr. immediato, porque não apparecem no domingo?

—A chuva, capitão....

—Ora! O que me parece é que Vm, está ficando *rebelde*.

—Rebelde!

Nunca pensei que V. Ex. tal me dissesse!

Si não appareci estes dias é porque.... quero dizer estas noites.... é porque....

—Foi à maçonaria?

—Não, senhor; queixe-se V. Ex. da companhia do gaz.... um horrivel *eclipse*.. estas noites, não consentiu ninguem na rua; além de que eu que não estou muito corrente com os guardas nacionaes, não me quiz expor aos seus insultos.

—Bem; mas sabe Vm. a razão do *eclipse*?

—Cousa simples; como foi á noite, a sombra da terra que embaçou o espelho da lua.

—Falle serio, tenente!

—Ou não ha *carvão*, ou não ha gaz preparado, ou a chuva fez *liga* com o gaz, ou os inglezes não levam em conta os *brazeiros*.

Escolha V. Ex.

—Eu, sei...

Si eu pudesse applicar-lhe penas, a companhia ficaria sem fundo só com as buxas, quero dizer com as multas que eu impuzesse.

—Metta-lhe o rodizio, capitão!

—Si for o governo o negligente, com elle é que me hei de haver.

—Capitão, de quando em vez e de vez em quando, apparecem aqui por esta *Latronopolis* bellas cousas!

—Que houve?

—Foi um dia....

—O principio faz prever ofim.

—... o dia 6 de maio do anno da graça de 1864; era no sitio de uma *Cacira*, *freguezia* como a de *Passé*.

Uma *Sra. Ignez* tinha uma filha, com quem pretendia cazar-se certo moço de nome João, o qual foi com esta encontrado em flagrante.

O subdelegado era um Sr. João ou Leoncio cunhado da mãe da moça.

Depois das formalidades do estylo, inquire o *juiz*;

« Este Sr. lhe deve alguma coisa?

—Não Sr.; si casa comigo, é porqno quer felicitar-me.

O ladrão de minha honra é V. S.! o Sr. subdelegado é quem me deve!.....

—E depois de chamal-o ladrão, tractou-o por V.! isto é rico!

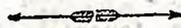
—Ao ouvir-se tal, *conticuere omnes*.... sim, *conticuere omnes*; o silencio alli era eloquente; representava um brado de indignação ante tanto escandalo!

O juiz, tonto, largou em meio a audiéncia e entrou por uma porta.....!

—É historia de carochinha? pelo principio bem o vi eu.

—Pois pensou que era serio?... sabiu por outra; manda el-rei meu senhor que me conte outra.

—Ora vá bugiar!



—Capitão, iô pede palavra, p'ra pede si-pricação.

—Pode fallar.

—Capitão, lei tá iguá p'ra anani turo, dize consituição; mai consituição tà ni papé, tá palavra só. Home qui more deixa seu fama, consituição tà morto, fama tà hi.

—Vamos a ver onde vae tocar.

—Iô já cabô izordo; iô vae ni narraçãõ.

Condo iô chega ni Latronopo, qué dizé, condo tã vae fruta iô do meu tera, e iô vem ni Brasi; ma paxero turo qui vende caixinha tá bate ni vara.

Cambra nan queré, varedô fica surido, nungoço cabou. Ninguem mai pore toca ni vara; ma paxero qui merca, qui grita, qui berra; qui negro nan tá gente, negro nan causa.

E turo tá denreto; cambra fazé seu pus-sura, ninguem bate ni vara, ovo tá prefeto.

Mai chega trangero, trangero ta blanco; lei nan tá p'ra ère, imhora ere tá lazzaroui, imhora ere tà carcamana.

E ere chega; sua jaqueta de veludo, sua chapeu de Braga, sua carça de castô, sua hota de ferradura; e ere traze mundo ni cossa; ferramenta d'infreno, cuma dizé Pedro Luiz que jesuita leva p'ra mette medo caboco.

E toca, e toca, e torna a toca.

E varedô nan oube; qui blanco faze, nan

faze má, qui blanco tà fia de Deu; que fia di Deu faze, Nansenhô tamem faze e *Ce que Dieu fait est bienfait!*

—E os portuguezes não batiam tambem? Os portuguezes não são brancos?

—Mai, capitão, portugua ni esse tempo nan tá gente ni Brasi; anani turo qué come ere vivo. E ripoi negro toca, zelis toca; p'ra chega fim, não oia ni meio; blanco qué faze mà negro, faze mà blanco p'ra negro soffre.

—O que queres dizer é que maroto e negro é tudo o mesmo.

E depois tocar chocalho é bater com a vara?

Onde ha paridade na tua argumentaçãõ?

—Iô reponde; esse bijeccão nan procede. Pensamento capitá qui preside pussura tá ni baruiõ qui vara faze. Iô progunta: esse batimento de carcamana ni sua geringonça nan fazé baruiõ? Fazé. Logo, cambra deve caba cum ere.

E si nan qué caba, nan caba; iô qué mostra qui lei nan tá iguá p'ra anani turo; iô qué prova que justica di esse tera tá memo justica de Latronopo.

Si essinellence qué muda, muda; esse é qui iô pede; minha onbido denreto nan pressa mai p'ra nada; iô tá de oubido torto, iô só oube d'um banda só. Iô tá visinho de mediato; capitão vé qui fazé.

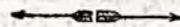
—E' que te retires já para a cosinha!

—*Suum cuique*; tá denreto; cada macaco ni sua gaiõ; quim nasceu pra deréi nan chega bintem; meu sembréa é cosinha, iô já vae ni sembréa.

Cunversa di camarote cabô; sessão tà cerrado, orde do dia qui é?

—Muxingueiro em manobra.

—Capitão, quim fallou já tá longe; *adieu mon cher*.



—Conheço muito ao Sr. Francisco José de Arruda, mas não o qualifico que não quero!

—Pois um homem, morador ha tantos annos na Penha, proprietario, ultimamente nomeado alferes da guarda nacional, sup- plente de eleitor, tão seu conhecido, Sr. Dr!

—Ha de gastar dinheiro no recurso, si quizer votar.

—Realmente nunca vi tanto cynismo! Que impassibilidade de moço!

Não sei como coral

Tanto tem um de magro e *vermetho*,  
como o outro de *escuro* e gordo!

—E este nem se sabe quando cora ou  
tem vergonha.

—É por isto que ensina ao outro a fa-  
zer tanta coisa fei!

—O bugre não deu uma risada?!

—O capitão deve mandar deitar-lhe um  
*freio* na bocca!

—E umas *cangalhas* às costas!

—E aquelle homem não chama a todos  
negros e moleques?

—Mas é a quem não tem carne para dar  
ou fiar.

—Ou a quem não tem burros para em-  
prestar.

—Deixal-os que elles se intendem.

Vou agora ao *Cabrito*; deixe-me passar,  
Sr. Faustino Mangaba!

Safada cousa! villão ruim!

—Com effeito é uma respeitavel trin-  
dade!

E' uma immunda trempe; quando não  
queima, tisma!

—Que corja!

Mangaba, Antero e Babão!

—E o *cadete*? e o *majo*? e o *escrevedor*?

—Fel-os Deus e o diabo os ajuntou.

—Ou melhor, borrou-os o diabo e a in-  
famia os ajuntou!

## A PEDIDO.

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

Pede se que dê o conveniente  
destino a um sujeito que fez o se-  
guinte, segundo consta:

Casou-se a 14 de abril de 1862  
com uma recolhida da Santa Ca-  
za, que além do dote, possuia  
300\$ no banco da Bahia, os quaes  
antes do casamento, foi elle tirar,  
a pretexto de enxoval, e embar-  
cou-se para Santo Amaro, donde  
trouxe uma irmã.

Desamparou, logo depois do ca-  
zamento a infeliz mulher, a quem  
espancou brutalmente, fazendo  
com que fosse ella para a caza de  
uma irmã delle.

Espancou-a segunda vez quan-  
do foi ella buscar a roupa que  
em seu poder tinha deixado.

Rasgou um officio do subde-  
legado ao inspector de quartelão

que tinha dado aquelle á mulher  
que *delle* se foi queixar.

Foi preso pelo subdelegado  
dous dias e acha-se agora a se-  
duzir outras infelizes, espancando  
por diversas vezes a mãe e a ir-  
man que lhe reprehendem o pro-  
ceder, estando a infeliz mulher  
miseravelmente abandonada nem  
uma caza ao Urugay, sem vintem.

O individuo mora no Bom-Gos-  
to da Calçada, é official de car-  
pinteiro e guarda nacional d'arti-  
lharia.

O Salvador Borges de Santa  
Theodora.



Sr. capitão, é preciso ser mais  
moderado, e abrandar mais um  
pouco o genio, porque não esta-  
mos na *Costa* nem moramos no  
sertão, e nem sua posição é lá tão  
elevada que se julgue *estar no oi-  
tavo ceu*.

Para que maltrata os pobres  
cadetes que o não offendem?

Para que insultou a um, por-  
que descuidado o não cortejou?

Que respeito pode infundir o  
superior que insulta a seus subor-  
dinados?



Sr. Redactor.—Ha cousas que  
não se pode deixar de fallar.

Pois um caixeiro que nenhuma  
pratica tem de balcão, sem ter  
ainda 6 mezes de loja, tem um  
conto e tanto de ordenado!

Tendo um amo trabalhando  
por elle!

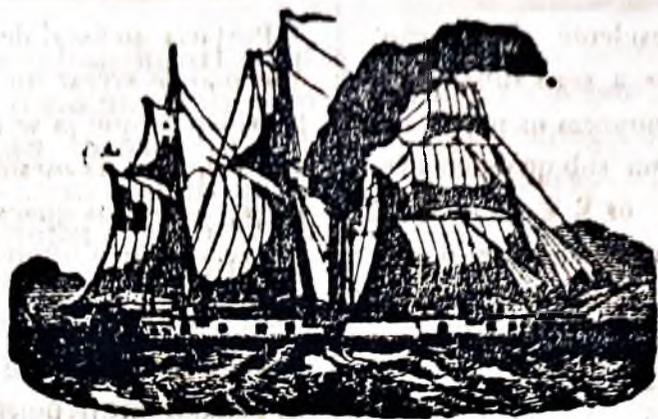
Dahi pode ser algum serviço  
particular.....

Que enthusiasmo!

Encostado ao balcão, e o amo  
aviando aos freguezes!

Sao coisas!

Um admirado.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.

BAHIA 4 DE JUNHO DE 1864.

N.º 69

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
15000 rs. por serie de 10 numeros. pagas adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Lutronopolis, bordo do *Alabama* 5 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo sua attenção para a seguinte petição de queixa:

Illm. Sr. Dr. delegado, Alberto de Santa Gertrudes, por cabeça de sua mulher Felicia Nunes, vem manifestar a V. S. que tendo uma sua enteada de nome Maria Gertrudes, crioula menor de 21 annos, em sua casa e companhia, desapareceu ha mais de mez, e pelas indagações que fez o supplicante veio á saber que amasiando-se com o Rev. prior do convento do Carmo desta cidade Fr. João de Santa Maria Souza, fôra por este por vezes bastantemente maltratada de pancadas, á ponto de, para ser curada de sevicias provenientes d'essas pancadas, conservar-se muitos dias occulta em uma das cellas do mesmo convento, onde, segundo agora consta ao supplicante, tendo penetrado em uma das proximas noites Joanna de tal, parda solteira, amasia de muitos annos do supradito Rev. prior, armada de navalha, com esta fez varios ferimentos na indicada enteada do supplicante, a qual fugindo dos muitos golpes que lhe dirigia a supradita Joanna, precipitou-se em

um buraco existente no soalho do convento, e caindo por este abaixo augmentou seus soffrimentos, quebrando um braço: e porque tudo isso se tendo passado nas trevas do silencio, livrará os delinquentes da merecida punição, que o supplicante jamais poderá obter por ser nimamente pobre, e por conseguinte sem meios para fazer valer no santuario da justiça o direito de sua mulher, mãe da infeliz offendida, vem o supplicante compadecido dos lamentos e lagrimas da mesma sua mulher, implorar a V. S. se digne, em vista da gravidade do facto allegado, dar as providencias, que em sua rectidão intender necessarias para que appareça a mencionada offendida, que, maltratada e occulta como se acha perecerá, si não for de prompto soccorrida em seus soffrimentos. O supplicante por tanto offerecendo a presente como denuncia:

P. a V. S. se sirva dar-lhe o devido apreço, e com urgencia proceder conforme a lei, e como melhor intender em seu justiciero animo.

E. R. M'ca.

Cachoeira 23 de maio de 1864

A' rogo dosupplicante por ser analfabeto,

*Virgínio José de Almeida.*

(Estava o reconhecimento publico.)

—Ao Exm. Sr. presidente da relação, pedtudo-lhe que expeça a seus subalternos ordem para que não demorem os papeis das partes, nem as maltratem sob qualquer pretexto, tendo em vista os §§ 17 e 41; t. 24, do livro 1.º das ordenações e o art. 185 do regulamento de custas que authorisa as penas de prisão até cinco dias e a de suspensão até trinta.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, para que informe sobre o facto de ter *certo Dr.* levado para o Rio em sua companhia, um crioulo como criado, o qual deixou de voltar em sua companhia, sendo respondido pelo *tal Dr.* à mãe do rapaz que por elle perguntou, que por la tiuha elle ficado.

Indo porém esta queixar-se á authoridade, houve certas indagações, que deram em resultado, segundo nos consta, ter-se descoberto que o *amarel Dr.* despachou como escravo o tal criado; o que já não é pouco e deve por tanto avivar a energia de S. S.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna para que tome em sua consideração o adro da egreja matriz e a rua da Ponte Nova de S. Miguel, esquina da ladaria da Prata, onde se reúnem constantemente vadios, escravos e livres, de todas as cores, para insultarem às pessoas que passam sem attenderem nem á idade, provocando conflictos que podem ter funestas consequências, como o que se passa a expor.

Passava, no dia 30 de maio, pelas sete e meia da noite, um dos mais serios habitantes dessa freguezia pelo adro da matriz, quando foi accommettido por um dos capadocios brancos que alli se achavam, que o insultou, mas sendo repellido. Mais tarde renniram-se todos armados e foram á caza do offendido, querendo invadila, o que não fizeram, por arrependem-se alguns, depois que um *embaixador* foi ter com o proprietario, que sabe S. S. quem é.

Leva-se estes factos ao conhecimento de S. S. e pede-se-lhe providencias, convido notar que os nomes dos taes sujeitos são mais ou menos conhecidos do Sr. Souza Vieira, que esteve ultimamente na vara da subdelegacia.

Portaria ao fiscal de Santo Antonio para que mande arrear um muro em S. José, providencia que já se reclamou, assim como um cobrado na mesma rua, depois da egreja, ambos os quaes ameaçam a vida dos transeuntes e o ultimo tambem a dos vizinhos.

Avizo ao publico. Tendo sido baldada os pedidos que se tem feito á companhia do gaz para providenciar sobre a parede do edificio do gazometro que se acha rachada em dois logares, adverte-se ao publico que deixe de passar pelo Noviciado e Mangueira, a fim de evitar novas victimas do delexo da companhia, ou antes do governo.

Servindo porém este meio de incommodo e prejuizo, como necessariamente, setenha, as pessoas que por alli andam são obrigadas a fazer uma representação ao governo para ver-se si dá elle de si e não terem os maledicentes de dizer que o brasileiro só fecha a porta depois de roubado.

—•••••

—Conhece aquelle typo, capitão?

—Não; quem é elle?

—É esse o capitão não o vê de *cazaca azul*, e *botões dourados*?

—Vejo sim, mas que ha de novo?

—Si V. Ex. soubesse a chronica d'aquelle biltre benzia-se; pois aquelle Deus me perdoe não anda dizendo que tem muitos doutores em seu borrhador! elle que só serve para abrir e feixar portinholas de carros de doutores, porque é muito adulator! Não tem o atrevimento de tratar mal as pessoas que vão á sua loja tratar algum negocio! Com fumaças de ter muito dinheiro, de ser proprietario, quando as propriedades não são d'elle, pois que ainda ha pouco foi-lhe tirada a mamata de uma que elle chamava suas, pertencentes á ceta viuva!

Pois nesta terra quem não o conhece morando com o S..... moleque na qualidade de seu..... seu estimado!

—Oh! homem não falle assim que ello não merece.

—Não merece capitão?! aquillo é um cousa ruim, impostor, adulator dos ricos, devasso, e atrevido como um moleque.

—Basta, basta, traga-o a minha presença para lhe dar o castigo que merece.

(Continua.)

—Vem cá, negro...

—Não xinhori, eu sou moreno

—Então confessas que és moreno?

—Xim xinhori, xinhori capitão.

—Zelis, para que estás no Brasil?

—Eu, capitão, para felicitari os vrasileiros.

—Mentes, estás no Brasil para desgraçar os lrasileiros.

—V. Ex. está enganado, xinhori capitão.

—Eu enganado, infame? Si eu estou enganado, para que consentis um gallego teu companheiro e teu caixeiro esmurrar as ventas e dar pontapés num teu caixeiro brasileiro com idade de 12 annos?

—Capitão, tal não houve, esse menino é muito malcriado e respondão e por isso eu o despedi.

—Mentes, traficante de moeda falsa, negociante fraudulento, tu disseste a algem que estavas muito contente com o menino brasileiro que era muito vivo, muito respeitoso e que já estava ganhando, tanto que no fim do anno havias pagar-lhe por junto.

—Xim capitão eu dixei isto mas purém o menino brunou e eu não o quiz mais ter em minha casa.

—Não é esta a primeira vez que tu maltractas os brasileiros; lembraste d'aquelles dous que foram despedidos por 2 de Julho, por terem ido à Lapiuha e dormido na rua?

—Xinhori e-pitão, eu bou fallari...

—Calla-te, zelis! sabes porque o gallego teu companheiro assim praticou com o pequeno brasileiro? é porque não queria um brasileiro como caixeiro mais velho, tendo abaixo d'elle um teu parceiro novato.

—Muxingueiro, mette o calabrote na cara de te labrego!

—Immediato, que novidade traz da Cachoeira?

—Collocou-se no dia 1.º de junho o dia-tio despertador dos festejos do 25 de Junho; foi grande a concurrencia do povo

assim como o enthusiasmo, mas foi tambem muita a chuva.

—Vire folha.

—Acabou-se a intriga politica de S. Felix.

—Vire folha.

—Capitão escute.

Os homens de S. Felix das duas parcialidades da politica sem politica tomaram juizo.

—Conte-me isso. Então elles eram doudos?

—Olá si eram! Até de pedras; descompunham-se nas gasetas, como meninos d'eschela; male iados; e agora—*suete lingua*—por causa das duvidas.

—Fizeram bem;—com gazeta não se brinca—dize tu, direi eu, ao depois vão a rias de facto; o culdo entornado e burulho no becco, queixas, correspondencias, tropas...

—Apoiado, apoiadissimo!...

E' bom que não incomodem mais ao Sr. chefe de policia, e que se deixem de creuncices; harmonisados entre si curem antes dos melhoramentos d'aquella localidade, digna de melhor sorte.

—Que mais? ..

—E' que V. Ex. espichou-se redondamente.

O Thomaz d'Aquino nenhuma obra fez ainda na Moritiba; arrematou uma seção da ladeira por 6:000\$, e tanto, mas não é capaz de fazer o concerto sinão com 20:000\$.

Eis o que ha.

—Pois bem; ainda veiu á tempo a rectificação.

Que mais houve?

—O facto do frade da Cachoeira passou-se mais ou menos assim.

A creoula desapareceu não ha um mez, mas ha quatro, e estava encastellada na cella do cujo.

A mãe no dia 29 do passado foi ao convento, viu a filha; a amasia do frade, á 27, foi comfesseito de navalha accommeter a crioulinha, mas esta não ficou ferida, segundo me dizem, pois o delegado mandou-a examinar por dous peritos.

—Einfim, o archebispo que se haja com sua gente. Ha muito que muito se falla do tal convento, que dizem está reduzido a um lupanar perfeito.

Corra por conta de quem toma conta dos taes amaveis de sotaina.

## PARTE COMMERCIAL.

### REVISTA SEMANAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 3 DE JUNHO DE 1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

*Dignidade.*—Por encomenda do corrector Victor chegou uma partida para o *Justus do Interesse Publico*; mas infelizmente perdida pelas avarias que soffreu d'agora salgada.

**Monturos.**—Grande quantidade; graças aos disvellos da municipalidade, o povo achou em qualquer lugar depositos onde satisfaz suas necessidades.

A camara acaba de estabelecer dous depositos: um na rua de *S. Miguel* e outro nos *Sete Candieiros* que estão bem *suppidos*.

**Massadas.**—Um funcionario publico demittido deu-se ao commercio deste genero em larga escala; mas é de crer que nada tenha feito á vista dos repetidos annuncios que faz n'uma folha, no interesse de impingir a droga.

## EXPORTAÇÃO.

### NAVIOS DESPACHADOS.

*Concupiscentopolis*, brigue *Feminil*; *Barrata & Goes* 200 frascos banhas, 300 ditos oleos e essencias, 4 duzias pentes de alisar, tudo para uma cabelleira, 2 espelhos para rever a mesma, 1 boião banha de tutano de grilo.

*Sceleratopolis*, patacho *Jacintho*; *Soares & Albercuria*, 2 escravos suzrados alta noite, sevicias e maus tratamentos para escravos.

## IMPORTAÇÃO.

### MANIFESTOS.

Palhabote *Justiça de Paz*, capitão *Antonio Lobo*, vindo de Santos, 2 caixotes injurias e desaforos, 30 cestas adulações e mexericos, 1 tonelada bebedeiras, 10 cestas desfructes á uma venda na Solidade, 1 jamba vindo de Lisboa.

Brigue paucudo *Patriota*, capitão *Fariu*, vindo da ilha da *Hypocrisia*, 1 pacote artigos de encomenda, 6 fardos *jesuitismo*, 10 molhos *descomposturas*, apodos e doctos a um deputaco do povo.

## DESCARGA POR BALDEAÇÃO.

(*Trapiche do Maciel*.)

Brigue perdulario *Cadete*, cantharida em essencia, pós de caroços de abacate e diversas geleas confortativas.

(*Trapiche das janellas do Carmo*.)

Barcassa *Delphina* da *Papo*, objectos de feitiçaria, figuras de pau, contos, obis, ornamentos e objectos proprios para taes usos.

## PARTE MARITIMA.

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### ENTRADAS DO DIA.

Porto da *Mocunga* com escala por *Passé*, brigue *Castro*, cap. *Pedro*, carga bananas tomadas a um pobre homem de no-

me José com o pretexto de serem roubadas, uma lettra de 100.00 rs. violentamente arrancada ao pae deste, *Cyriaco* de tal, á titulo de indemnisação, 10 saccos de insolencias e arbitrariedades e entrada na casa alheia violentamente, alta noite, á titulo de varejalsa, 2 vacas do mesmo *Cyriaco* tomadas para pagar prejuizos; passags. um capitão do 8.º batalhão e um supplente de subdelegado.

Vila do *Pombal*—palhabote commercial *Pereira*, cap. José Joaquim; passags. os pardos livres Joaquim e Leandra á entregar n'uma loja na praça do Commercio para serem falsamente vendidos como escravos.

Presidio de *Pedro Santo* (em commissão)—vapor de guerra *Costa*, conduzindo diversos cadetes vilmente insultados, e algumas praças do oitavo regimento de *Latronopolis* acrememente tratadas e barbaramente espancadas.

## A PEDIDO.

Pede-se ao gallego comprido, caixeiro de seu tio, que não se faça engraçado com familias que lhe ficam em frente, pois lhe pode chegar ao costado conza que ha muito merece; veja que nem todos estão para aturalo como o seu tio J. que tendo familia, e não pequena, atura no seio della semelhante atrevido, e grande orgia.

O Sete mezinhos.

## Ainda pedradas.

Na tarde do 1.º de junho, pelas 3 horas um crioulinho de nome *Guilherme* deu uma pedrada, na rua do *Gracipapeiro*, em *Francisco Pereira de Sant'Anna*, e consta que nenhuma providencia se tomou, sabe alguem a razão.

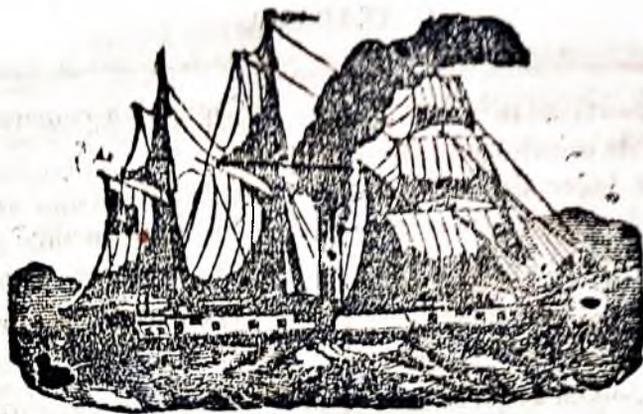
\* \* \*

Frade, pois V. assim descaradamente aos *detens* com aquella creoula de luto dentro da portaria do convento no dia 2 de maio, sem respeito ao meus á sagrada Imagem que alli ha!

Não continue, do contrario não se queixe si lhe publicarmos o nome.

Capitão, si for possivel,  
Escreva dizendo ao Cunha,  
Qu'assim compromette aquelle  
Que por elle tanto acunha.

O Sancho-Pança.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.<sup>a</sup>

BAHIA 7 DE JUNHO DE 1864.

N.º 70

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C.ª, a dos da Misericordia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de junho de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que, já que nenhuma providencia deu o fiscal geral, se digne lançar suas vistas para uma tenda de ferreiro à S. Francisco de Paula, que não tendo chaminé, muito incomoda aos viandantes e aos vizinhos com a fumaça que se desprende do carvão de pedra, a qual agora com o vento sul não deixa a ninguém por alli parar.

Spera-se providencias.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que faça efectiva a postura quanto aos matos que existem na ladeira da Gambôa, os quaes se acham tão adiantados que pode qualquer pessoa entre elles esconder-se para levar a fim malevolos intentos.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia para que dê as providencias a fim de deixarem de apparecer, todas as noites, dous vultos na ladeira da Gambôa, desconfiando-se ser um delles um portuguez e outro um africano, ignora-se com que fins.

—Ao mesmo para que se digne dar as providencias sobre uma caza ao Porto do Romfim, pertencente á Exm. Sra. D. Jo-

sepha Maria Leite, na qual me informam que ha um quarto com uma sepultura no centro, sem duvida ignorando a sua dona, que ha muito alli não vae, tendo-a entregado a um administrador.

O feliz resultado de tal diligencia não se fará sperar, à vista da reconhecida capacidade e energia de S. S.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que providencie contra um botequim no beco do Araçá, ao Castanheda, no qual reúnem-se innumeros capadocios que acabam sempre a *sessão* por desordens e pancadas.

### REQUERIMENTO DESPACHADO.

A neta do barateiro pedindo licenca para se estabelecer entre as damas do Taboão.— Jante certidão de que tem a competente idade para emancipar-se.

—Capitão, chegaram as *charidades* e o mundo vae bem.

—Melhor ia elle, quando só uma havia, e sem fazer viagem.

—Fallo figurado; chegaram os taes *anjos do mundo* e o hospital vae mudar de face.

—Ja o era da *charidade*; que ficará sendo?

—Das irmãs de *charidade* que sendo *anjos* vieram-no reduzir à um inferno, não digo bem, a um purgatorio, uma

especie de limbo, ou cousa que o valha,  
um lugar de quem spera.

—Explique-se.

—As mulheres são enfermeiras, mas são  
francezas. Os homens são enfermeiros, e são  
brasileiros; mas nós estamos no Brasil.

Tirar o pão da boca dos brasileiros para  
dallo a quem não tem fome é duro, mas  
não ha remedio si não accommodar os anjos.

Diabo na grade.

Aqui muito baixinho, capitão, de ma-  
neira que ninguem nos ouça, o que consta  
é o seguinte:

Que fizeram um conselho;

Que deram conselho a todos que que-  
riam dinheiro;

Que por ultimo lhe disseram:

« A França caminha na vanguarda dos  
povos, hastea o pendão do progresso.

« Viva por tanto o francezismo.

« Vós sois brasileiros. tendes filhos,  
tendes mulher, mais sois carranças, não  
pertenceis à Gallia, ide vos!

« Não falleis porém.

« Vagando um emprego, o lugar é vosso.  
Criar-se-hão outros para os que não entra-  
rem na primeira partilha. E sendo impos-  
sivel satisfazer a todos, empenharemos  
nossos esforços, sereis empregados.

« E então que felicidade!

« D'infermeiros podereis chegar a infer-  
meiros, sim a infermeiros, talvez a medi-  
cos do paço!

« As portas do futuro vos estão abertas!»

—E acham pouco?

Já que não tinham *charidade*, que se  
arranjem com a *sperança*!

—Capitão, eu achava bom que queimas-  
sem o retrato do João de Mattos e depo-  
sem alli o do Figueredo Leite.

—Pateta!

A epocha é do progresso, o progresso,  
vem da França, o que não é da França  
não presta.

—Tome lá o quinnan.

O que se devia fazer era, depois de quei-  
mar-se o João de Mattos, collocar-se o re-  
trato do padre Etienne ou o do padre La-  
ment.

—Justamente capitão.

—Tou as mãos a bollos.

E viva a patria, que quem se mata mor-  
to fica.

—Capitão, a camara morre irremissivel-  
mente.

—Porque?

—Porque o medico já não existe.

—Como assim?

—Vendem-se no curral bois podres.

Um foi comprado, dizem, por 10.000 rs.  
e no domingo, ao abrir-se o açougue em  
Santa Barbara, n.º 38 A, em vez de carne  
encontrou-se carniça!

E como o fiscal não é da raça urubú,  
mandou dar que comer aos peixes.

—E por isto conclue Vm. que o Dr. já  
não existe!

O moço anda atrapalhado com a qua-  
lificação.

—Mas a camara?

Ouçã isto:

Os bois mortos são enterrados....

—Na barriga dos homens vivos.

—... no Retiro; mas quando ha fune-  
ral, a gente do Cabulla, Saboeiro e im-  
mediações passa *vida folgada e milugro-  
sa*; come *carne fresca* tres dias e mais.

—Isto é certo?

—E' o que dizem; o administrador não  
recebe a *guia*, não pode pois o defunto  
ser enterrado. Ha entao um *irmão da cha-  
ridade* que reúne os *devotos* nas margens  
do Camarogipe e livra o infeliz boisinho  
das negras garras dos negros corvos.

—E' dar parte a camara e deixar-me os  
ouvidos.

—Capitão, eu não sei qual será o fim  
que terá essa *droga*!

—Que droga, senhor?

—Pois, capitão, a imprensa brada, bra-  
da, brada e as authoridades largam a rir,  
chicanando com as gazetas, enchendo a  
boca de paschins, e cuidando do venha-  
à-nós!

Isto tem termo?!

Isto não é provocar o povo?!

—Mas a que se refere, moço?

—A tudo, a tudo, capitão!

A parede do gazometro victimou o qua-  
torze pessoas, e entretanto uma outra está  
rachada em dous logares, e a companhia  
não dá cavaco, e a camara não se move;  
mas a imprensa está alerta, e brada, e os  
peiores surdos são os que não querem  
ouvir!

Um muro da mesma companhia está a

cabir; a imprensa avisou, mas não vale a pena!

Inumeras casas estão a desabar com o rigoroso inverno que as afaga pelas innumeras rachas que tem; a imprensa avisa, mas o brado se não ouve, a *gazetinhas* se não dá importancia, ninguém acredita em *paschius!*

Ultimamente está um muro a cair em S. José; só algum descuidado ou ignorante por alli passa; mas quem lhe mora em frente está exposto ao perigo; a imprensa já fez o seu dever, e nada.

Em quanto não ficar na ratoeira preso algum infeliz, o muro não virá abaixo.

—Que duvida! si cabir!....

—E a policia, capitão!

Os guardas não sei o que são; fazem timbre em dar pancadas, em commetter arbitrariedades, em praticar absurdos.

E sempre a dizerem que a ordem que tem é não levarem desaforo para o quartel!

E fiados nisso, espancam a todo mundo, a imprensa brada, a authoridade está surda, o commandante nem ao menos se justifica da calumnia dos guardas!

Isto tem termo?!

Qual será o fim a que nos levarão tantos abusos, tanto deleixo, tanto indifferensismo pelo povo?!

Hoje uma mulher grita que um homem lhe furtou um objecto qualquer, vem a patrulha, prende o individuo, sem nada ter visto ou encontrado e contra a opinião de todos que se acham presentes, que foram tambem já maltratados e a mulher ufana fica a gritar:

«—Não te dizia eu que havias de ir preso hoje? »

Amanhã é um inspector que vae á tombos, pontapés e pranchadas.

Depois é um bebado que vem, desde o caes de S. João, preso pelo commandante do destacamento dalli, até chegar á Correcção, a levar sopapos e pedir misericordia, a levar pranchadas e invocar o imperador!

—Deste não tinha eu conhecimento....

—Foi no sobbado, 4 do corrente; o povo horrorisava-se, mas....

—O povo tão facilmente horrorisa-se como familiarisa-se.

—E' por isso que as *authoridades* não cumprem com seus deveres; é por isso que vivem a chicanar com elle.

Depois....

—Ainda?!

—E sempre... depois é um guarda que sahe armado, que atterra a todos, que é preso n'um destacamento dos seus, que foge, que accommette a quem encontra, que vae neste divertimento da cidade baixa a S. Pedro, que espalha os transeuntes, que nem ao SS. Viatico respeita.

E viva a patria!

E além da policia ser na maior parte composta de gente dessa laia, espadachins e malandros, que quando de farda julgam-se elevados á cupula social, para viugarem crimes e erros, que, por si, julgam ter os outros; além disso, digo, as *authoridades* dormem e dormem tão profundo somno que não é capaz de despertal-as o mais estridente e energico brado da imprensa, nem ainda o ribombo do trovão!

—Engano, amigo! hão de despertar ao simples estrugir da colera do leão.

Não ouvem o alerta, ouvirão o rebate.

—Capitão, V. Ex. tem inimigos, podem aproveitar a occasião e dizer que V. Ex. é conspirador.

—Cà, cà, cà!

Agora riu-me eu.

—E eu, novo Jeremias, choro sobre as miserias e ruinas desta nova Jerusalém!

—Capitão, V. Ex. esteve ás voltas com o padre Amaro e não sabe que o homem é leiticeiro?

—Porque diz isto?

—Si o homem sabe do que ha de succeder!

Si advinha!

—Inspiração do Spirito Santo! Padre de *boa vida*, deu-lhe Deus a presciencia.

—E' propheta, sem duvida! Pois dizem os meninos da Candinha que não passa de um dos apostolos do Granada, que é nada menos do que aspirante a *ogam*.

—Não tem duvida que Vm, Sr. immediato, está com raiva do homem.

—Eu detesto em geral todos os hypocritas!

Pois ha de estar o tal padrego a massar o publico com a sua muita moralidade, o a martyrisar um homem, que, si tem defeitos, tem tambem feitos, pelos quaes se lhe deve relevar aquelles!

E depois a tal vestal da imprensa a querer impiagir a peta de que respondeu antes da pergunta, quando no principio da resposta diz elle que veiu outra vez á carga porque lhe deram mais carga!...

Aquillo é um padre excommungado, capitão! não respeita uem ao arcebispo! nem a *mitra do papa*, capitão! É um *rebelle!*

—Sr. Lima Barbosa, temos conversado; vire folha.

—Guarda-marinha!

—Prompto.

—Já que o fiscal não deu cavaco com a intimação que recebeu para providenciar sobre a tenda de ferreiro á S. Francisco de Paula, leve este officio á camara, e intenda-se depois com o fiscal para perguntar-lhe a razão de seu procedimento, *apezar de vir o exemplo de cima.*

Conforme a resposta, traga-o Vm. á minha presença, para dar-lhe o destino que merece.

—Sim Sr., meu capitão!

—Que moço é aquelle, ruivo ou louro, que vae de cavallo pelo passeio? E' doutor.

—Não vejo bem.

—Como ginetêa! como dança o bixo!

—Será alguma figura de arlequim?

*Será algum pião?*

—Nesta Calçada vê-se eousas!

### LA VAE VERSO.

—Como é que tem tão vermelha  
A ponta de seu nariz?  
Receia passar por bebado  
E *amarellinho* se diz?

—Nã, xinhori; com a gordura  
Das carnes que aqui eu bendo

Engurdei; ella *amarella*,  
*Amarello* liqui sendo.

O nariz ficar *burmelho*

E' obra de S. Martinho.

—Gallego, bebes caxaça

E vens criminalar ao vinho?

—Como quiger, meu amigo;

O xinhori como se chama?

—Gallego, o *cabello* louro?

—Ai que o hom' é do Alabama.

### A PEDIDO.

Gratifica-se com uma dentadura a quem der noticia certa da egreja em que se cazou uma actriz de *Santa Izabel*; pois se faz precisa uma certidão para desmascarar de uma farça intitulada—*mané capão*—

*A ama das crianças.*

Pede-se a certo camello,—cuja familia se resume n'uma negra, n'um carneiro e n'um cão,—que se deixe de beijocas e abraços n'um açougue, sob pena de mandar-se-lhe fazer uma visita pelo muxingueiro do *Alabama*, com licença do capitão.

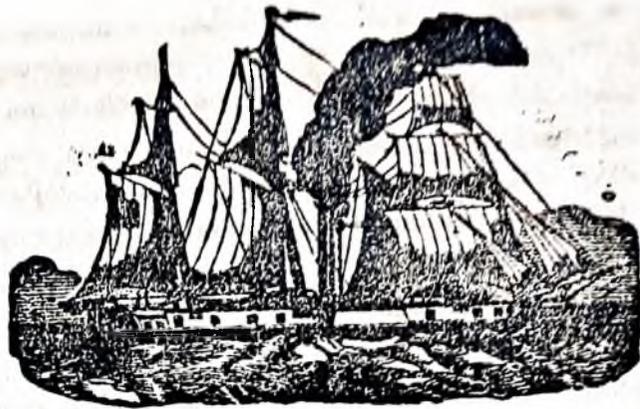
*O Camillo.*

Pede-se a certo sargento que n'uma destas noites assentou-se n'uma *empada de beira-muro* e favor de não incomodar as familias da rua dos Marchantes com desfructes, impedindo-as de chegar ás janellas, e até de abril as!

*O Pezinho.*

Pede-se a certo yoyo bonito que se mette n'uma padaria de Braga, para *biscoitar* certas visinhas graciosas de *barro*, o favor de não tornar, pois do contrario seu nome será com todo garbo aqui estendido.

*O Magalhães.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.ª

BAHIA 9 DE JUNHO DE 1864.

N.º 74

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizerieordia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de junho de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia, pedindo-lhe providencias, sobre o facto, que nos informam, de não haver pagamento no arsenal de marinha, sinão oito dias depois do tempo que, ao menos, parece o justo para occasião do pagamento, o dia primeiro do mez.

—Ao Exm. Sr. conselheiro director dos estudos, participando-lhe que nos Perdões ha uma casa d'educação para ambos os sexos, como melhor diz um distico que na porta da mesma existe.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado, louvando a S. S. pelo zelo e promptidão com que se houve providenciando sobre o facto que apontamos, de existir uma sepultura em casa da Exm. Sra. D. Josepha Maria Leite ao Porto do Bomfim, e dizendo-lhe que uma vez que ha alguma probabilidade de se haver alli commettido um crime, não só pelos indicios encontrados, como pela pertinacia que havia em não se abrir o quarto onde encontrou-se a sepultura e vestigios de sangue, cumpre que S. S. empregue

sua reconhecida intelligencia e energia, afim de que não fique involto nas sombras o que quer seja que alli houve.

Portaria aos apontadores do arsenal de marinha para que não continuem a fazer chamada pelos primeiros nomes, sem esperar pelos cinco minutos, afim de não ficarem a *olhar o signal* innumerous operarios que se demoram um e dous minutos, e que acham trancado o medonho portão. Cumpram.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Carmo, sobrado em que moram certas *nimphas* e intime-lhes que não continuem a offender a vizinhança, ainda na occasião de passar o SS. Sacramento sob pena de serem mandadas para a rua que compete à *certa gente*. O que cumpra.

—Capitão, borrei a historia; o tal *cujo* que me deu os apontamentos, engoliu muita coisa boa.

Encontro agora um outro contemporaneo do hemaventurado Calombreiro, que me forneceu materia vasta.

—Como ainda não chegou o tempo da festa, tire a viola do sacco e faça os reparos precisos, isto é toque alguma cousinha boa.

—*In principio erat verbum*, lá vae obra; Quando contrahiu o santo seu consorcio,

scismou com a mulher e quiz mandal-o para casa do sogro no dia seguinte.

A rasão de um tal proceder, que à primeira vista dá lugar a innumerous commentarios, foi a seguinte:

*Crescite et multiplicamini* são palavras do Creador. O homem casado não podia cumprir a lei divina, quando se queria elle tornar um patriarcha; quiz desfazer por tanto o casamento.

O Spirito Santo inspirou-o: apesar de casados, Abraham, Jacob e outros tiveram amazias; o adulterio se não dá; pois com um mal evita elle um mal maior—a falta da procreação que dará lugar ao não cumprimento da promessa do Senhor que diz que os homens multiplicar-se-hão como os grãos de areia.

E Deus disse:—Passarão o sol e a lua, mas não passarão as minhas palavras.

—O Sr. hoje está todo biblico.

—Si a historia é d'um santo!....

Como ia dizendo, o santo tratou de satisfazer o precizito, e ás largas.

E principiou como S. Matheus, pelos de casa; fez sociedade com seu charo irmão, que depois falleceu, deixando-o por testamenteiro, e por herdeiros a seus paes.

Calombreiro tinha então sete contos de reis, e seu irmão deixava cincoenta e tantos.

Segundo o Evangelho, já o irmão era presa das chammias do inferno, tinha fallecido rico; não era pois possivel que um bom filho consentisse que tivessem seus paes as mesmas penas.

A' conselho d'um irmão que era do mesmo parecer, o *Juquim*, Calombreiro deixa a *arvore das putacas* e vae ao patrio berço.

Beija as mãos aos paes; mostra-lhes o testamento e um balancete de dividas de que era credor seu fallecido irmão; reduz a herança dos velhos a nada e conclúe, dizendo que a comprava, com a condição de dar-lhes, durante a vida, pelo menos broa de milho.

E tem rasão; os paes estão com os pés na cova, é chegada a hora do arrependimento, é necessaria a penitencia.

Mais vale tarde do que nunca.

Os velhinhos annuem, principalmente

estando certos de que algum *cobrito magro* que ficar servirá para os netinhos, filhos da concubina do Pelourinho, que—*cazou-se* com dous amareléticos manos, assim como se cazara Jacob com duas irmanas.

E Calombreiro dá a Deus graças; estão salvos seus paes das garras do diabo.

E Juquim fica vencido; alcançou seu charo mano o que não poude elle conseguir quando trouxe para os naturalistas da *arvore das putacas* enorme porção de borboletas e canarios.

E Calombreiro, sem duvida por amor ás borboletas dos queijos, ou talvez por emulação, trouxe tambem borboletas; e por serem estas de diversas cores, trouxe por imitação canarios de todas as cores e procedencias: d'Allemanha, França e crusados, isto é pardos, remigios, cabras, etc, etc.; mas em vez de despachal-os legalmente, intendeu que o dinheiro que devia pagar para as sauguesugas dos cofres publicos seria mui bem applicado em obras de charidade, ou ao menos em educar a mocidade.

E como a epocha era do *eu*, principiou o homem a justiça por casa: metteu por contrabando a gaiolla dos *bixinhos* em casa, e tratou de educar os filhos.

O homem, chegado a Deus, morava então junto á uma *cruz* e entregou-se de corpo e alma á S. *Paschoal*, santo de sua devoção.

Menino è o diabo, e Calombreiro não o ignora.

Recommenda á sua santa Eva que não consinta os meninos irem à loja da casa, para não bolirem com o cofre, isto é com a gaiola, que mandou chapear de grosso ferro.

E diz-lhe mais. Não consinta que se entorne agua no soalho que não é calafetado para não calir no cofre, diabo!... na gaiola, pois pode transformar a cor dos canarios, que estão tão bellos, e que não quero que entrem na muda, antes que os transporte para vendel-os sortidos com os do Brasil, engano! com os da terra.

—Mas o Sr. não presta sentido ao que está dizendo; troca-me tanto as palavras!

—São tantas as cousas!

E depois troco sempre gaiola por cofre

porque o que pode ser vendido dinheiro é; tanto assim, que, apesar da recommendação tendo um dos meninos entornado agua, a mãe disse-lhe que não prejudicasse o dinheiro de seu pae, ou o que quer que era que alli havia.

Mas continuando, graças ao Infinito Ser, borboletas e canarios foram vendidos. A gaiola foi atirada ao quintal, exposta ao sereno, ao sol e a chuva.

(Continua.)

—>>> <<<<

—Capitão o *Interesse* diz que nesta Latronopolis ha mysterios tenebrosos, e eu digo que ha insondaveis, impenetraveis.

—Então o que ha, novas scenas de 25 de janeiro?

—Não capitão, cousa differente.

Escute:

Vinha eu uma noite do mez passado por S. Pedro, a rua estava em trevas. Do lado opposto vinha um vulto, o qual chegando defronte de um certo sobrado parou, e assoviou duas vezes. Depois de pouca demora, abriu-se uma janella da casa. O vulto approximou-se e trepou.

—Trepou por onde, homeni?

—Por uma escada de corda, que de cima tinhama deitado.

O que iria fazer aquelle homem, a taes horas, n'uma casa, onde entrava por semelhante maneira?

—Talvez alguma entrevista amorosa.

—Tambem podia ser um roubo, um assassinato.

E a patrulha, capitão, parada entre o beco de Maria Paz e rua Nova de S. Bento, era impassivel áquella scena que se passava bem perto dalli.

—Talvez não enchergasse, pela escuridão da noite.

—Pode ser, mas não creio, capitão.

—E conheceu o vulto?

—Pareceu-me....., mas não tenho certeza.

—E a patrulha?

—A essa conheci, por que um dos guardas vi-o patrulhando no dia 28 de maio na freguezia da Sé.

—Vou officiar ao commandante de policia. E quanto ao sojeito, mandarei o Co-

ronel todas as noites para á rua de S. Pedro a fim de conhecê-lo?

—>>> <<<<

—Totonho, chega a falla.

Não ouves, Antoninho?!

—Prompto, capitão.

—E's mesmo uma cara de feiticeiro de cor; tão galbarado, tão gentil, tão *mignon*; e tão perfido tão devasso, tão safado!

Ouve lá, russo pombo! Quem é formado no mercado é quem entre as prostitutas foi criado, quem entre os moleques foi educado, quem achou uma inesperada fortuna e vive agora de continuo a arrotar grandezas, sempre de cavallo, a levantar areia, sem agradecer ao *protector*, pois que immensas cazas sustenta pela rua.

Si alguém é *quebrado*, nem todos podem ser o *inteiro* que vive a provocar o pudor das familias, sempre com as mãos a puxar o guindaste que lhe sustem a *quebrada* balança.

Nem todos podem ser o *millionario* traficante de farinha podre e bolaxa mata fome.

Nem todos podem ser herdeiros de moedeiros falsos.

E si alguém horra nas calças é sem duvida o miseravel que se vae metter entre as paredes do forno, com receio de ser mandado á cadeia pagar a tratada que fez.

Si alguém negocia em rez manca é sem duvida superior ao LADRAO que empregado n'uma companhia roubava-lhe o cobre todos os dias, encaixotava e remetia-o para a cidade, para o engenho do Cobre ou Mont-Serrat.

Si alguém é *experto*, é sem duvida o magano que se mette em todas as mandadas para ser o thesoureiro e usufruir o lucro dos leilões.

Experto é o menino que de tudo e em tudo tira lucro, seja por que meios for.

E é villão o infame que querendo vingar-se d'um moleque, o obriga a morrer na forca!

E é infame o pelintra audacioso que insulta e maltrata a mulher que lhe tronxe dinheiro para il-o esbojar com concubinas!

E é pelintra quem nas torres das egrejas tinha amizade com os sacristães!

É é um miseravel sem qualificação algu-

ma o biltre que se reúne com a mais rafa-  
fada. . . nojenta cousa a que tem odio e  
consagra desprezo até a rua do Rosario,  
que si tivesse boca gritava!

E é um miseravel biltre um ente que  
nenhuma consideração pode merecer, o  
irmão que renega o irmão, que o injuria  
em publico, que o atassalha vilmente, que  
o enxovalha com dicerios e infamias, que  
lhe vae até depositar trampa na porta!

Ouviste, *Totonho?*

Agora espera pelo resto.

Muxingreiro!

—Prompto, capitão.

—Cem vergalhadas na cara deste safado  
com o mesmo chicote com que dá elle no  
companheiro certo, o amavel cavallinho de  
gosto!

—Capitão, por quem é!..

—Esporras precisas tu, mas quem vae  
moutar-se n'uma besta tão ordinaria?!

Muxingueiro mãos à obra!

—Ai meu Deus,!

—Pede antes a teu protector *Zé Candom-  
blé* para invocar o seu *santo vudum*.

## LA VAE VERSO.

### ENIGMA.

As iniciaes do nome  
São um J, um C, um M.  
O J diz qu'elle é cazuza  
Segundo a gente que lê.

O C dizem ser um olho  
Por onde inda não se viu.  
O M dizem ser ramella  
Que do tal olho cahiu.

Advinhem agora  
(E' tão bonitinho!)  
O enigma que fez  
Um amarellinho.

Quem o advinhar  
Terá um tostão,  
Um cabelo louro,  
Mais um garrafão.

De carne secca o cabelo,  
De caxaca o garrafão,  
Por graça d'Amarellinho  
Que tem vermelho o coração.

## A PEDIDO.

Desejava saber quanto tem rendido o cofre collocado na capella de Nossa Senhora das Candeias na Pitanga, desde 1822, e que destino tem tido o dinheiro.

*Um curioso.*

Pede se a certo Napoleão de Cobre, insolente, que tanto maltrata ás pessoas que tem necessidade de lidar com tal pezeta, o obsequio de ir estudar civilidade; attenda o conselho que lhe dá

*A alma do Vianna.*

## Ao Illm. Sr. Commandante de Policia.

O Sr. Manoel José dos Santos tomou-me um relógio de prata galvanizado com insetos para ir a um baile na Cruz do Cosme, para entregar-m'o quando voltasse, isto a 27 de dezembro de 1863, o que não fez.

Queixando-me ao juiz de paz de Santo Antonio, combinou elle em pagar-me de 15 em 15 dias a quantia de 50 rs. até completar vinte, perdendo eu os insetos.

Só pagou-me 70 rs. e ao pedir lhe o resto, diz que nada me deve, que lhe pegue no rasto, e foi assentar praça na policia.

Peço pois a V. S. que o mande chamar á sua presença para providenciar a respeito.

*Faustino Nicoláu Alves.*

## ANNUNCIO.

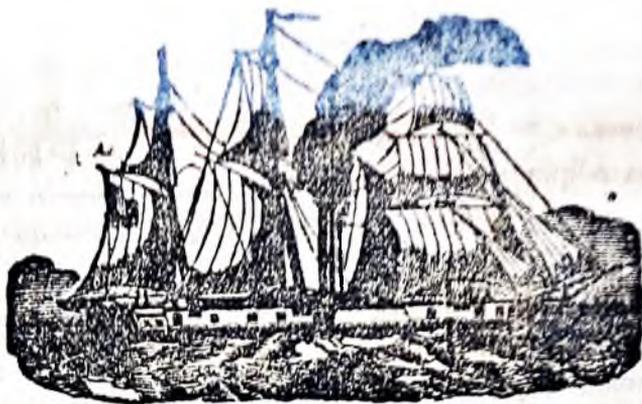
### As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (author do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragão.

Assigna-se nas livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

TYP. DE MARQUES, ARISTI DESE C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 7.<sup>a</sup>

BAHIA 11 DE JUNHO DE 1864.

N.º 72

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 1o de junho de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado do Pilar para que dê providencias assim de se não repetirem factos, como o que ultimamente se deu no hotel *Triumpho da Inveja*, os quaes podem ter funestissimos resultados.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme. Dirija-se Vm. á cosinha do hotel *Figueredo* e lá veja si pode comprehender o novo systema de jogar bilhar à limão, pois que os moradores da ladeira da Gameleira queixam-se de que as carambollas são feitas de tal modo, que chegam a incommodar a vizinhança, quando descuidada se acha na janella de suas cazas, entrando muitas vezes até o interior das mesmas. O que cumpra.

### REQUERIMENTO DESPACHADO.

Ruxa de cinquenta, pedindo permissão para subtrahir botoensinhos de ouro quando tiver de fazer sequestro em casa de viuvas.—Tendo já o supplicante posto em pratica, com sua gente, seus bons feitos, indeferido até que fique indemnizada a viuva Fitel.

—Venha cá, meu Padre Amaro, não se espiche! Escreva com menos fogo para não errar.

—Que foi?

—V. Revm. fallando de processos, M. Barretto e falta de prova, fallou em J. Victor, quando devera fallar em Tosta!

—Elles lá que se arranjem, capitão!

—Maganão! Não ha melhor juiz que a consciencia!

—Capitão, ha fome?

—Não consta.

—Então a lavoura vae em progresso!

—Qual o motivo de sua observação?

—Pois os africanos livres ja não estão abrindo covas de mandioca no Terreiro?!

—Ora bem bello!

Aquillo é a camara que está calçando as ruas!

—E nada de illuminação! O eclipse agora é parcial.

—Si o machinismo está desarranjado!

—Desarranjada anda a cabeça da companhia e dos seus empregados!

—Quer Vm. dizer que si a illuminação fosse pela manhã....

—Sim, sim... depois da janta é o diabo...

—Cosinheiro, toma sentido, João Candidal está ahí.

—Qui é esse memo?

—E' que agora é costume prender-se qualquer pessoa, quando se suspeita ser escrava d'um devedor, ainda que não o seja.

—Ou! qui é esse?

—Uma pobre crioula, ha vinte um dias, está emgambellada na correição pelo motivo indicado.

—Que dize, capitão? Que *canibá* é esse memo?

—Canibal não, *Candeial*, rapaz.

—Capitão, manda guarda-marinha pegni ere.

—Que duvida!

Guarda-marinha, va já e já em busca do tal cujo, que quero dar-lhe o castigo que merece por não cumprir a constituição e o código, tendo presa, ha tres semanas, uma infeliz mulher, POR SUA VONTADE!.

—Vou ja, capitão; mas as auto lidades nada tem com isto?

—Faça o que lhe mando; um juiz despachou e o Candeial ainda se não dignou dizer si accoitava o depositario que é muito idoneo, o Rios.



—Os depositos publicos de lixo eram nos becos, agora é nas praças.

—Quem lhe disse?

—Vi-o eu; hoje quem tem seu entulho manda-o deitar no Terreiro ou na Praça Palacio.

Sem duvida é ordem da camara.

—E' ordem da camara, sim, mas é para calçar as ruas.

—Ah! está se rehabilitando!

—Ja é o segundo que me vem com despropositos.



—Tem visto os bellos artigos da *Actualidade* que o *Jornal* tem transcripto?

—Sublimes! E entretanto o *Interesse Publico* que fez tanto barulho a principio, está na moita, só procurando *mysterios e trevas!*



—Ha dias que o procuro para dar-lhe uma noticia.

—Que ha?

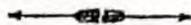
—Os conegos intendem que não deve mais haver missa nos domingos e dias

santos; na Cathedral rara é a vez que ha.

Ainda no domingo fiquei eu e muita gente boa a olhar o signal.

—E depois andam fallando em propaganda heretica, em Gallart, em protestantes e no diabo que os ature!

—E venha á nós o pecunia populi!



## LA VAE VERSO.

### Piqueta.

Gentes vossês ja viram  
Um certo padre à cavallo,  
Que em vez de levar *chicote*  
Leva na mão um badalo?!

Elle tem chapéu de couro  
Que trouxe lá do sertão;  
Sobrecazaca de solla  
Uma guiada na mão.

—Então o padre é vaqueiro  
Porque traz tambem surrao;  
Dentro d'elle traz a cuja  
E sobre *elle* um ferrão!

Bravos, dende canjica,  
Tome cajú meu vigario;  
Vá pregar os seus sermões  
Aos pretinhos do Rosario.

Não falle do *Alabama*,  
Meu abutre coroadado;  
Vá pegar suas ovelhas  
Na rua d'algun *passado*.

---

## PARTE COMMERCIAL.

---

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 10 DE JUNHO DE  
1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

### Estabelecimento de credito.

*Venerando Tribunal.*—Esse estabelecimento que depois das *aposentadorias* forçadas havia se apoderado de um terror panico e suspendido as transacções, parece que o vae perdendo e vae lentamente effectuando pequenas transacções em *acções ignobeis*.

---

### REVISTA SEMANAL.

O mercado está supprido de generos alimenticios.

Entrou no brigue *Carvalho Feio* 200 bois miongos para consumo da cidade. Desembarcaram nas praias do *Curral do Conselho*.

Em contrabando tem se feito alguma cousa.

Em falsificações as transacções de maior vulto que constam são as feitas no vinho.

Compraram-se dous lotes de *consciencia* para a questão Pinto dos Mares.

Foi posta em leilão, terça feira, na praça do Forum uma partida de *scenas burlescas* que inda não foi vendida.

**Corrupção.**—Abriu-se uma agencia de compra e venda deste genero na rua das Misericordias, 4.

**Crueledades.**—O brigue aluado *Cirne* trouxe uma partida, cujos preços não foram cotados, por ser comprada sobre agua para dote da orphã *Ludiviges*, moradora ao largo do *Seraphico Padre* n. 15.

**Desordens.**—O mercado está supridissimo. As existencias são numerosas. De todas as procedencias chegam carregamentos. Os fornecedores não desanimam apesar do baixo preço porque são cotadas.

Falla-se que perdeu-se no baixio da *Impunidade* a barca *Repressão* que trazia uma carga deste genero.

**Insolencias.**—O deposito das *Carnes Secas* está suprido.

Chegou no brigue *Amarellino* um carregamento consignado aos Srs. José da Cunha e C.

**Motins.**—Sabbado á noite será vendida uma partida no *declive* dos Gatos, chegada na falúa *Aborrecida*.

**Sinistros.**—Tem abundado estes dias no mercado.

## EXPORTAÇÃO.

### GENEROS DESPACHADOS.

Cidade dos Agiotas, barca *Cabaça n'Agua*, José Malaquias Rei, 6 colheres de chá e 1 concha de assucar de prata, 2 pares de botão de punho de ouro com 4 oitavas cada um, pertencen es a infeliz Maria Joaquina da Cunha e usurpados á pretexto de uma divida de 600 rs., 1:500 rs. subtraídos a mesma por intermedio de F. Bastos.

## IMPORTAÇÃO.

### MANIFESTOS.

Brigue dengoso *Celestino*, vindo de Concupiscentopolis, cap. Matta Queiroz.

1 volume *palanfrorios*, 1 maço *asneiras*,

1 pacote *discursos* oraticos recitados na inauguração de um collegio, 1 barrica *rollas e batiques*, 1 tenor forçado.

## Leilão mercantil.

Segunda feira serão vendidos em hasta publica por quem mais der, na loja de miudezas ao *Coberto Maior* dous famosos jumentos chegados ultimamente no patacho *Caldas do Primo*, ambos bastante orlhudos, e de boa casta, não servindo um para tirar raça, sendo o outro optimo para o serviço de carga e carroça, no que foi experimentado desde o Hospicio de Jerusalém até a Gambôa.

## Annuncio commercial.

PERVERSIDADES E TYRANNIA.

Vende-se onde se faz *cruzes* n. 15.

## PARTE MARITIMA

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### ENTRADA DO DIA.

Cidade das Araras—gal. *Moça das Figuras*, de duas mil ts., cap. *Balão*, carga fazendas de armador, caixões de defunto, cadeiras para anjinho; passags. Joaquim Pereira, Evaristo das *Figuras*, *Anninha de tal*, varios officiaes d'armada e do exercito e alguns cadetes.

#### SAHIDAS DO DIA.

Rio de Janeiro, barca *Deiro*, passageiros, um doutor, o crioulinho Rozendo de Santa Rosa de Lima, filho da crioula Maria Luiza da Purificação.

(N. B — Este ultimo passageiro sendo livre foi despachado como escravo por engano.

*Oliveira*, brigue *Navigada*. cap. Manuel Joaquim, carga 40 capoeiras de pintos, 80 caixas de botões de brilhantes, 900 fardos hypocrisia, 1000 barricas *certa manteiga* e 125 latas camphora para fomentar moleques quando dormem; passageiros uma negrinha para conversar no balcão, sem respeitar os outros freguezes; o padre Bissone e certa sujeita furtada em um sermão de Quaresma, e um filho menor.

## Annuncio maritimo

O vapor *Cabello louro*, deverá chegar á este porto, segunda feira da ilha da Qui-

*tandinha*, e depois da demora do costume seguirá para a cidade dos *Tratantes*.

Para fretes e cargas trata-se com os agentes J. da Cunha e C. no deposito das *Carnes Seccas*.

## A PEDIDO.

### Mofina.

Estão para calhar:

O muro das freiras;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Misericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do guz;

A parede do lado mar do gazometro;

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damnos que houver?

O boi de carga—

O povo.

### Atenção.

Quem pegar um inspector de quarteirão que anda pela cidade baixa a metter o nariz em tudo, receberá em paga umas gaiolas de passarinhos que o mesmo tem n'um corpo de guarda, sem duvida por não ter até hoje encontrado caza para alugar, razão porque vive elle a dormir onde anoutece, segundo as lecções de seu mestre urubú.

Pede-se a certo negociante brasileiro o favor de não maltratar ás pessoas que lhe servem, afim de não pagar-lhes o que deve, insultando-as com os apellidos de tollo e bobo, pois que muita gente pobre tem mais brio e pudor do que certos figurões de borra.

Demais sabe S. S. que o appellido assenta melhor em quem tem no nome dous TT, e na testa nem sei o que.... *chapéu armado* por exemplo

O homem, apesar de pobre, não deve, nem pode estar disposto a ouvir pachochadas de ricassos quebrados, que nem diuhei-

ro tem para pagar o jornal a quem trabalha.

O Cornel.

### ACROSTICOS.

Mocinha, olhe sua vida,  
Isto é feio, já Milú,  
Levar só com seu compadre  
Quida, a querer bambú.....

V querer bambú p'ra os outros,  
Não se lembrando de si!  
Jolla besta que montavam  
Os moleques por alli!

Naquella bemdita rua  
Igual cousa ninguem viu:  
Zhonhô Tontonho com a moça  
Honra a certa bou coça!  
O que fez? Ella pariu!

A. J. Simões.

Sr. Capitão do Alabama.—In outro dia entrar no Forum e levava um charuto acceso. Mal tinha posto o pé na porta quando gritou-me do patatamam um official de justiça..

—Quem fuma, não entra.

Respeitador das ordens atirei fora o charuto e entrei.

Hontem passei por alli, e vi n'uma janella um escravo do Sr. Antonio Carneiro garboso fumando um charuto, e ao pé d'elle o tal official de justiça.

Será porque aquelle negro é escravo de um homem do Forum?

Responda o

Rufino.

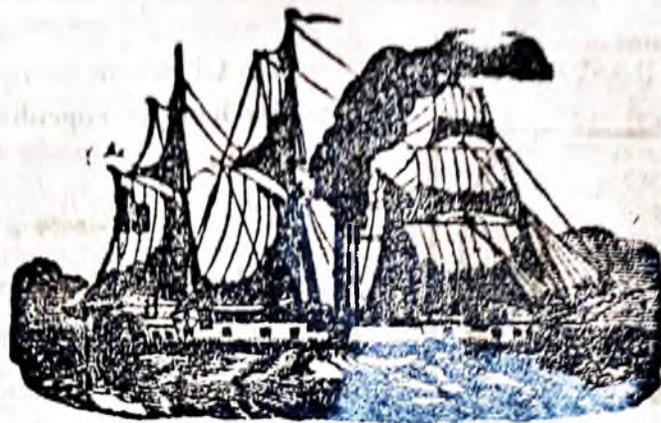
### ANNUNCIOS.

## TRIFINA OU OS BELLOS DIAS EM SERGIPE.

ROMANCE VERDADEIRO.

Assigna-se n'esta typographia e no escriptorio do *Sancho-Pançã* a rua da Lapa n.º 42. Preço da assignatura 500 rs..

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.<sup>a</sup>

BAHIA 14 DE JUNHO DE 1864.

N.º 73

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizerieordia a. 17  
4\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

Principia hoje a oitava serie deste periodico.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, perguntando-lhe que providencias deu sobre o caso do frade da Cochocira, e dizendo-lhe que a um facto de tanta gravidade se não deve applicar o *laissez faire, laissez parler*.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, para que lance suas vistas sobre uns crioulos marceiros que moram e trabalham na fadecira do Caminho Novo do Taboão, asim de que elles não continuem em suas orgias nocturnas, perturbando o silencio publico com depravados sambas e palavras offensivas à moral publica.

Portaria ao guarda-marin' a pedestre Guilherme, ordenando-lhe que renna uma sucia de moleques e vá dando cabo dos cães que encontrar, ja que a policia deixou-se disso e a camara é a primeira a tirar sua foyça moral, deixando de fazer effectiva uma sua *pus ura*. Cumpra.

(Continuação do numero 71).

Os paes de Calombreiro morreram . . . . .  
dous justos na mansão celestia!!

Si morreram pobres! . . . . Graças aos disvellos, à dedicação de seu filho.

E as amázias lucraram; tambem no deserto promettia um anjo a Agar que ficaria bem com a senhora; ellas tiveram seus dotes, *herdaram* por que tinham filhos.

E o santo homem levava-lhes tambem, todos os annos pelo 2 de Julho e sexta feira Santa, um reverendo caixão de doce d'aracá pesando 2 libras, que lhe vinha d'um outro *Santo*, o *Amato*.

É que um dia bom mette-se em caza. Jesus, depois de jejuar quarenta dias, foi às bodas de Chanaan e festejou a Paschoa.

—Não lhes levava algum queijo tambem?

—Nada d'isto, capitão, podia ser algum casulo de borboletas e julgarem as mulheres ser feitiço, promovido pelo Joaquim, que gostava muito de santos de candomblé e feitiçarias.

E sendo, não podia servir o queijo para regalo; mettia medo, inspirava desconfiança, entornava-se o caldo, estava desfeito o prazer.

Calombreiro, além do mais, era previdente.

—Era propheta; devassava os arcanos do futuro. . . . . Alma bendita!

(Continua).

## Simplicidade pastoral.



—Cá, cá, cá!

Esta figura é do arcebispo?

—Que arcebispo, homem?

—De Latrôropolis.

—Pois arcebispo nunca tocou corneta!  
E' exquisitice ingleza. Esta caricatura é extrahida do jornal inglez *Punch*, de 19 de março de 1859.

—Capitão, V. Ex. já viu a nova casa do Gabriel?

—Não. Porque?

—Oh! capitão, que gosto, que architectura! É uma maravilha!

É uma casa destinada para alguma philharmonica; na frente ve-se um jardim de ultima moda, feito de restos de telha, á que o proprietario chama granito; o terraço é uma bella cama de gosto francez, feita pelas habéis mãos das intelligentes escravas do Sr. de Gouvêa.

—Por escravas ou escravos?

—Por escravas, capitão; pois V. Ex. não sabe que ellas são as melhores artes?

—Qual! isto é casa de um.

—Cassuada, não; passe V. Ex. por lá e veja si não encontra umas de colher a trabalhar de pedreiro, outras de escada e broxa caindo paredes &c.

Foi bom saber disto, porque em se abrindo a exposiçãõ peço uma medalha de barro

para o tal Sr.; mesmo porque elle deve entender bem de engenharia....., foi mestre de latim....

—Venha cá Sr. gravata.

—Capitão, eu me chamo Gouvêa.

—Gouvêa? Sr. tratante, e como sempre o conheci por gravata?

—E' o meu apellido capitão.

—Mas, porque o Sr. *Gravata* está se opondo a que o maluco do seu compadre, o major dos Pires, não tenha prestado contas da *deixa* áquella pobre viuva pela tia do seu amigo protector e lezado compadre!!!..

—Capitão, não sou eu quem se está opondo a que a viuva entre na posse dos bens a ella legados, tanto que ella já está de posse do sobrado.

—Porém, porque não lhe dás o dinheiro relativo aos annos que teu amigo e compadre esteve usufruindo?

—Capitão, negocios de justiça.

—Não, velhaco, são negocios de ladrão, são demoras para poderes ir augmentando o rocho e na occasião de ajustares contas com o teu amigo e compadre não dar elle pelo acrescimo, visto que já fazem mais de cinco annos que estás vendendo assucar de tres engenhos e recebendo alugueis das propriedades, e ainda não prestaste contas ao teu lezado compadre.

—Capitão é mentira.

—Assim dizem todos os velhacos e trantes.

Muxingueiro mette a cara deste safado na cloaca do navio.

—Santo Antonio é muito festejado!

—Bellos pagodes! Nem o contrario podia ser, estando o homem mettido em todas as vendas.

—É por isto sem duvida que o da Velha Barbara ficou no esquecimento. Este anno nem um galão ou pedaço de setim velho!

E entretanto tira elle de esmolas quinientos a seiscentos mil réis ou mais!

— Guarda marinha!  
 — Prompto, capitão.  
 — Vá já à ladeira do Carmo, procure um parente ou socio do Granada, intimé-o para que não continue com um endiabrado *congü* que muito incommoda a visibança, e que um destes dias bateram toda a noite, não deixando os moradores d'alli pregar olho, já que a policia não eue cherga, no centro da cidade, um *can-doble!*

— Capitão, eu acho melhor que se ajuntem os moradores da ladeira do Carmo, e deem uma queixa ao subdelegado, ou mesmo ao chefe de policia, para que providencie sobre o caso.



— Que lindo *bouquet*, charo *escrivão!* Vae leval-o sem duvida a Santo Antonio!

Quando o homem está na sua idade, só tem o pensamento em Deus.

— Não Sr.; é a esta senhora que tenho a honra de offerecel-o.

Exma.....

— Ora, Sr.! Pois si o Sr. ha de resar nas contas, anda namorando!.... e a uma senhora viuva!.....

Venha cá, meu velho; vá aqui por esta costa de S. Pedro, passe por Santa Thereza, vá as Indias a ver si encontra o querido S. Xavier e tome depois juizo no porão do Alabama.

Olhem que Braz-Mimoso!

### LA VAE VERSO.

Gentes, vossas ja viram  
 Que galante novidade!  
 Que seculo de descobertas!  
 Que progressos, mocidade!

Uma cova n'um sobrado  
 E' p'ra formigas matar....  
 Si ja tem sangue as formigas,  
 Devem tambem se interrar!

### Mofina.

Estão para cair:  
 O muro das freiras;  
 O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Misericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do gaz;

➔ A PAREDE DO GAZOMETRO!!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

### A PEDIDO.

#### Atenção.

Da-se um premio vantajoso a quem descobrir um burro em forma de gente com os signacs seguintes:

Quando aportou á Maragogipe foi coberto de andrajos, como arreios; não trazia camisa, que é traste desusado na raça; tinha por cilha um collete a Napoleão.

Serviu d'escrevente n'um cartorio; boas escriptas havia fazer um burro! Mas, como passava por gente, o proprietario matou-lhe muitas vezes a fome e cobriu-lhe as carnes..

Morto este, insinuou se no animo dos amigos do finado, e fez-lhes acreditar que si lhe arranjassem o cartorio, cazar-se-hia com uma das suas filhas, e serviria de arrimo á familia que estava sem recursos.

Assignou-se em certo tempo por D. João, e muito chá tomou.

ram á sua costa, pois que lhe vinha a fidalguia da caza do Aviam.

Inoclea se agora de sabio, sem duvida porque esteve em Coimbra, e ao entrar na academia, errou ou antes acertou com a porta e trouxe diploma da estrebaria. Quer passar de rico, e impostura sem lembrar-se da indigencia em que nasceu, da charidade com que foi creado.

Ha a seu respeito uma historia de um mamociro que amancebou cortado no seu quintal, d'uma janella pregada, e das pedradas que lhe quebraram os vidros, e tambem do testamento de certa senhora que foi comprado etc. etc.

*O pardo-velho da trombeta.*

Na quinta feira 9 do junho ás 7 horas da noite entrou uma madama em caza do padre das Rosas e esse fechou immediatamente as janellas; pouco depois passava por ali o SS. Sacramento e o padre não chegou para adral-o por cauza de sua Eva.

Que sevandija!!! que envergamento!!.

\* \* \*

Sr. Redactor.—Um officio publicado no seu jornal referindo-se a disturbios no hotel *Triumpho da Inveja* foi inexacto no ponto de dizer serem elles feitos dentro do hotel, quando os de que alli se tracta tiveram logar na porta do mesno estabelecimento.

Por amor da verdade, queira V. publicar estas linhas.

*O justo.*

**Ainda o cambio no theatro.**

Sr. Redactor.—Indo no sabba-do (11 do correate) comprar um bilhete de platéa, afim de apreciar os Milagres de Santo Antonio, não encontrei mais nenhum em mão do bilheteiro!

Resolvi me a voltar para a casa, quando encontrei um moço que estava do lado de fora vendendo bilhetes a dois mil réis.

Dirigi-me a elle e perguntei lhe si não era prohibido pela policia o cambio?

Respondeu-me dizendo que elle só não era quem cambiava, pois si Sr. G ... que é protegido do empresario cambiava, quanto mais elle que é um pobre homem!..

Já vê V. que a policia não tem dado as providencias necessarias a respeito do cambio do theatro, e tanto assim que ainda continúa o esdandalo!....

*O Spectador.*

Sr. Capitão do formidavel *Alabama*.—Como sei que V. cavalheiro—de honrado character, não poupa esforços para punir os escandalos de nossa terra—rogo-lhe que mande o seu muxingueiro divertir-se no couro—do Zeles—doutor—safado—hypocrita—come-pintos—que anda aqui enganando a todos—e tem estabelecimento igual ao de Frei—Bebê.—Faça pois executar sua justiça com o empenho que todos lhe reconhecem, para ver si váe esse emigrado de Gomorrha para sua terra e nos deixa descansados.

*O medroso de raposa.*

## ANNUNCIO.

### Leilão mercantil.

#### SEGUNDA PRAÇA.

Quarta feira serão vendidos em hasta publica por quem mais der, na loja de miudezas ao Coberto *Maior* dous famosos jumentos chegados ultimamente no patacho *Caldas do Primo*, ambos bastante orelhudos e carcas, servindo um para tirar raça, sendo o outro optimo para o serviço de carga e carroça, no que foi experimentado desde o Hospicio de Jerusalém até a Gambôa.



# O ALABAMA

## PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.<sup>a</sup>

BAHIA 16 DE JUNHO DE 1864.

N.º 74

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de junho de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe providencias sobre o estado da capella de Nossa Senhora do Resgate, ao Cabulla, cuja sacristia, segundo nos informam, acha-se reduzida a um chiqueiro.

(No mesmo sentido ao Sr. Dr. juiz de capellas).

—A' camara municipal de Cachocira, para que mande calcar a rua da Ponte Nova, que se acha em miserabilissimo estado, com innumeros atoleiros e lagoas em toda a extensão da rua até a Manga.

—Ao Sr. delegado, participando-lhe que no dia 15 do corrente, à rua Direita de Santo Antonio, nas obras que se está fazendo do Sr. coronel João Baptista Vianna, o mestre pedreiro do nome Joaquim mandou buscar cansação ao Barbalho, amarrôu um discipulo, pendurou-o e surrou-o, dando-lhe depois innumeras pancadas e pisando-o, pelo facto de ter o infeliz discipulo fugido da obra pela manhã do citado dia, de Santo Antonio.

Consta que o menino chegara a deitar sangue pela boca.

Espera-se providencias de S. S. em quem

deposita o publico muita confiança pela honestidade e moralidade que revestem todos os seus actos.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna para que dê as providencias sobre uma casa de candomblé no beco d'Agonia, onde muito se affronta a moral publica.

—Ao Sr. subdelegado de Cachocira, chamando-lhe de novo a attenção para o portuguez Rufino Cambista que continuã a fazer das suas, entre as quaes o furto de uma gamella de milho que vendia uma pobre mulher, que tendo uma syncope foi conduzida ao hospital da Santa Casa; e o empenho de uma farda, um capote novo e e umas calças d'um guarda policial por 6\$ ou 8\$.

Portaria ao escrivão da terceira vara, ordenando-lhe que não consinta certo Dr. remover os papeis de seu cartorio, para proparlar o que elles contém, visto que grande prejuizo causa tal proceder às partes. O que cumpra.

—Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que va a venda do Marcelino de tal ao Terreiro, e intime-lhe que não consinta nella capadocios e vadios e africanos livres a se embriagarem para insultar a quem passa. O que cumpra.

## REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Nico Ribeiro Quinquim, continuo d'al-fandega de Latronopolis, pedindo para ser nomeado se cretario do ministro da fazenda, allegando sua intelligencia.—In-deferido por ser a apresentação de seus prestimos feita depois d'um jantur, por ser o supplicante analphabeto, e por ter a mão secca.

Mirandinha, porteiro do consulado, pe-dindo privilegio para tomar rapé nas bo-cetas alheias—Tendo o José Venancio o Beira-mar nos remetido uma repre-sentação contra os *bocorios* deste genero, fica adiada a solução do seu requerimento, até que seja aquella attendida.

(Continuação do numero 75).

—E diga-me uma cousa, este Calom-breiro que era tão santo não foi um que matou dous negros, seus escravos?

—Misericordia, capitão!

Queu o ouvir eucher a boca assim de matou, pensa que o meu santo homem era algum perverso.

—Ora, ora! Quantos dia! os andam por ali com capa de santo e com cara de anjo!

—E o meu crabalho, o meu panegirico?

Capitão, o homem matou é verdade; mas V. Ex. não sabe que deve-se perder um para salvar a todos?

—Mas elle matou dous.

—Mas eu fallei figurado, capitão.

—E eu que não gosto de figuras!

—E a dar-lhe!

Capitão ouca.

O santo homem não era sen; quando sahia de seu trabalho, *visitava os passos*, isto é corria todes as snas cazas, (quero di-zer as das mães de seus filhos) e recolhia-se ao centro de sua familia pelas 8 horas da da noite.

—Ora, penso que o Sr. me vae referir a morte dos pretinhos....

—Ouça, capitão.

Era uma vida toda de penitencia....

—Oude não ha fogo não ha fumaça. Si o seu devoto era um refinado ladrão e um cobard e assassino, como deixar de temer o inferno?

—Capitão, quer saber d'uma cousa? Nun-ca vi sermão com apartes.

—Nem eu padre sem coroa.

Olhem o que é a presumpção! Já o Sr. pensa que e padre por contar a vida d'um santo.

E que santo! um *santinha*, que sem mais nem menos rouba, tralica, contra-banda e mata!

E rouba a quem? aos paes, ao sogro, aos cunhados!

E faz milagres de queijo, de borboletas e onças!

E importa canarios por contrabando!

E mata....

—E dá oca a muita gente, capitão; faça justiça ao santo, poupe ao menos os mortos!

Era sua vida toda de penitencia....

—Era, era!

E os pretinhos?

—Ora os pretinhos!

Morreram dous escravos seus, sim mor- reram.

—Morreram, não; foram mortos, foram matados! Um, de nome José, levou tanta paulada...

—Ai que se entorna o caldo!

—...na bocca que ficou sem um dente...

—E' que elle mordia, capitão.

—... e morreu em tres dias o cachorro, como quer o Sr.

E o outro morderia tambem?

Mordesse ou não, foi posto n'um tronco; quando se lembrava a familia de que existia aquelle bruto...

—Bruto sim, justamente capitão!

—..... dava-lhe agua e farinha, tratava-o à jacuba.

Criou uma ferida na perna, e a gangrena levou o pobre diabo.

—Estão, capitão? Quem matou este foi a gangrena.

—Veja agora a força da verdade.

Quem matou foi a gangrena; a gangrena proveiu da ferida; quem occasionou a ferida foi o tronco; quem metten o preto no tronco foi o santo; tirada a causa, cessa o effeito, logo?

—Sophisma, capitão; os philosophos e racionalistas sempre foram inimigos da fé, da egreja, dos santos por tanto!

—Logo, si Calombreiro não mettesse o preto no tronco, a gangrena não matal-os hia; logo quem o matou foi Calombreiro.

—Agora, capitão, veja como cae por terra seu raciocinio.

Os dous negros eram dous brutos; não havia força humana capaz de fazel-os seguir a lei de Christo; eram baptisados, mas rebeldes, infieis, hereges, o diabo enfim, e iriam por tanto para a casa propria; o inferno era delles.

O Spirito Santo paira por sobre a rotun-da e pellada cabeça de Calombreiro, e Ca-lombreiro vae salvar-os.

Não ha martyre que não seja santo; não ha santo que não vá para o ceu.

Calombreiro martyrisa-os e o ceu re-cebe dous justos.

Não ha acção má, quando a intenção é virtuosa.

—Cá, cá, cá!

O Sr. era bom para advogado, é ethica-nista!

Mas felizmente não estou só; pensou comigo a policia daquelle tempo, que tanto impendeu que Calombreiro era um assassino, que deu um puxo.

—Mas pariu a montanha.

—Por que certo medicote do burro branco e pacifico deu um attestado.

—Quer V. Ex. dizer que foi falso? que o homem vendeu-se?

—Não, não; o medico era honrado; mas que... é que...

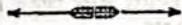
—O mano Juquim fez algum feitiço.

—Ou o Calombreiro algum milagre.

—Nada disto, capitão, é que a justiça dos homens tem os olhos tapados.

E a de Deus é que pagou a Calombreiro.

(Continua.)



—Como foi de viagem á Cachoeira?

—Bem.

—Novidades.

—O Vinte Cineo de Junho vae perdendo a influencia.

Veremos porém.

—Que mais?

—A residencia do commandante do destacamento é no quartel um lugar immundo, improprio para isso.

Contam-me que ponderando elle a S. Ex. que não poderia pagar casa, o presidente escrevera ao delegado e ao prior do Carmo para arranjarem-lhe uma cella no convento.

Olhem o frade em talas!

O frade mordeu os beiços, resmungou, coçou a coroa, fez diversas observações, e concluia dizendo que só havia desocnpada uma cella que servia para salla de visitas.

Vejam si o frade queria policia em casa!

Nessa cella é que se acham guardadas as alfaias do convento e foi abi mesmo que estava encastellada a crioulinha do caso.

—Affiança isto?

—Eu não, dizem.

—E que providencia houve a respeito?

—Dizem que o provincial dirigia um officio a respeito e nada mais.

—E continúa?

—Dizem que sim: que a crioulinha continúa a ir fazer penitencia no convento, assim como outra cuja de outro fradeco que foi vista, dizem, pelo commandante da policia dalli.

—Fetas.

—Petis?! no dia 5 de Junho às 5 horas da tarde.

—Então o lupanar vae em progresso!

—Que duvida! Ha dias uma devota de S. Cuetano foi ao convento vestida de homem!

—Historias.

—Historia contou ella que, indo em companhia de dous meninos, mandou chamar o S. Cuetano para receber gazetas do Dr. Assis, e deu-lhe um garra no pescoço, para elle reconhecê-la.

Linda surpresa!

O velhinho babou-se de gosto.

—Affiança isto?

—Eu não; eu sou como o venerando Barata, é o que dizem; valha a verdade.

—Então pensam elles que o caso fica assim?

Hão de dar as providencias o Sr. arcebispo e o provincial; do contrario.....

—Hão de se haver comosco, capitão!

### Mofina.

Estão para cabir:

O muro das freiras;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Misericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do gaz;

→ A PAREDE DO GAZOMETRO!!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

### A PEDIDO.

Pergunta-se a certo moço que estudando desde 1854 fora de sua terra natal (a cidade da Estancia) onde ja tinha cursado 3 ou 4 preparatorios, o anno em que está matriculado na academia de Pernambuco, para onde foi desde 1860, e porque razão, não sendo

sinão um idiota, anda imposturando com o titulo de Dr. a ponto de dar a si esse titulo para a lista dos passageiros do vapor quando d'ahi veio ultimamente. Estará *justinho* no 3. anno como se inculca, ou não passa d'um simples cascabulho, que em vez de estudar se embrenha nas silvas? Meu caro, nem todos são para tudo; va com a sua santa Eva para seu canto comer algum restinho da pequena fortuna que teve, e nada mais de imposturas, ouviu? Isto é conselho de seu hem conhecido

*Cardoso.*

Pede-se a um Sr. que vive de reproduzir seus semelhantes, filho de Sales, na rua onde não ha potes e sim barris, queira dar melhor educação a seus tres filhos, para nao viverem estes na janella a insultarem quem pacificamente vae seu caminho

Isto previne-se no interesse de evitar alguma consequencia desagradavel porque nem sempre se está disposto a aturar malcreados.

*Um offendido.*

#### Ao publico.

Verissimo José dos Santos, sendo matriculado e embarcado em Cachoeira, veio preso como desertor do 2. batalhão.

Foi apresentado a um antigo sargento daquelle corpo que disse que o não conhecia, mas que já o tinha visto, não asseverando ser praça.

E foi-se o homem para Pernambuco!

Entretanto o Sr. subdelegado da Cachoeira não o conhecia como desertor, sinão depois o honrou com duas das vermelhas!

Viva o progresso, que deixa assim sem arrimo uma familia!

*O vicencia da Cruz.*

Sr. Redactor.—A audacia e insolencia com que a certo tempo para cá se portam os africanos, devem despertar a attenção de quem quer que seja.

Hoitem em pleno dia um africano no largo de S. Bento ameaçava um soldado de primeira linha.

Ao mesmo tempo um outro, que nos informam trabalhar de pedreiro nas obras da camara, pretendeu desfeitear um fiscal da mesma, e o faria a não ser obstado por innumerás pessoas que presenciavam.

E o mais é que nos informam que o referido africano teve a protecção de quem não devia dar-lhe.

A razão por que ignora-se.

Sr ex-fiscal—Que teima é essa de Vm. em não querer apparecer ao capitão Pantaleão! Si não quer apparecer a elle, appareça ao José Domingues, dono da casa, no trapiche Gomes.

Tenha pena da pobre creoula, que sem o que é seu, e inda querendo pagar para receber, não pode, porque Vm. não apparece.

Peço-lhe por S. João! Por S. Braz!

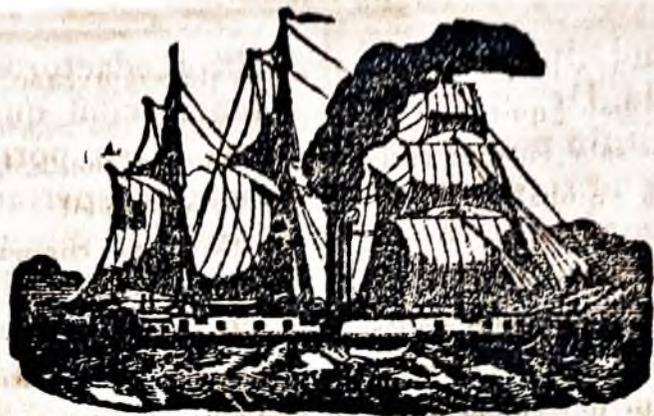
*O Nepomuceno*

#### ANNUNCIOS,

Na pastelaria de J. I. d'Almeida e C., novamente aberta á rua Direita da Misericordia, encontra-se excellentes doces, bolos etc, no gosto de diversas nações, amendoas cobertas, caffè, charutos e refrescos.

Na mesma incumbe-se de preparar bandejas para bailes, empadas etc. assim como recebe encomendas para jantares, a promptando por preço rasoavel.

TYP DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.

BAHIA 18 DE JUNHO DE 1864.

N.º 73.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
1.7000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1864.

Officio ao Sr. consul dos Estados-Unidos para que providencie sobre os marinhheiros de sua nação, que andam de continuo embriagados pelas ruas e que ainda hontem, na rua da Misericordia aterravam e atropellavam aos que passavam com enormes soccos.

Portaria ao fiscal geral para que vá a venda, à rua da Laranjeira n. 82, e mande examinar a *excellente* qualidade de vinho, que alli ha, optimo preservativo para a saude de quem o bebe. O que cumpra.

### REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Pinto das Oliveiras pedindo licenca para escrever seu nome em espelhos.—Informe o General das manteigas.

—O mesmo queixando-se do prejuizo que tem tido, depois que deu um coice no primeiro caixeiro de sua casa.—Remettido a J. Padanyé para tirar-lhe as ferraduras, pon-do-o depois á disposição do Ariani.

### Por ora.

A certo moço que disse no arsenal de marinha que tinha recebido de 10000

um papel que tractava de si e que já o tinha mostrado ao referido inspector, provocando esse proceder um desacato a quem, ante-hontem, 16 de<sup>o</sup> junho—declaramos que nos cae aos pés a cara, vendo quanta *boa-fé* foi e vae nesse negocio. . . .

—Oh! la Sr. *Mr.* Carcamanho.

—Falle para mim, senhor?

—Sim, como se chama?

—Oh! mim está muito conhecido nesta terra; eu está Alexandrinne.

—De que vive?

—De varris linguís.

—De varrec linguas? O diabo que o comprehenda.

—Ea diga *senhorra* que sabe francez, inglez, allemã, italiana, hespanhol, greca, e latina, traduz surco, leio china, e escrevo hebraico, e falla tambem portuguez.

—Misericordia! E quando e em que tempo apreendeu tudo isto? Que *idade* tem? So em fogão de vapor!

Enfim, eu chameio para dar-lhe um conselho.—Vossé graças á credulidade da gente desta terra está admittido na boa sociedade; faça por conservar-se; torne-se grave, e sisudo e deixe-se de andar como um *strolinas*.

Attenda mais. Lá nessas sellas, cozinhas, estribarias, ou onde o diabo quiz que V. aprendeu, tudo isto que sabe, não se ensinava a respeitar a caza vizinha?

—Yess.

—Pois então tome este conselho:

Namora a negra do barão muito embora, mas faça-o com dignidade, quero dizer, não se pouba feito um chibio na janelle, á conversar de fora para dentro; por que alem de ser isso ridiculo e triste a um mestre é concorrer para o descredito de um homem de bem; e depois *si fosse em Passé...*

... intende?

—*Oui, Je vous remercie, capitaine.*

—Porque isto é muito leio. . . . .

—*Thank you, Captain.*

—A gente boa sensura—e. . . . .

—*Ich dank Ihnen Kauptman*

—E com isto V. perde. . . . .

—*La ringrario infinitamente*

—Depois Vossé é. . . . .

—*Duy a vos infinitus gracias*

—Tomado por um pomadista. . . . .

—*Tibi gratias ago, dux.*

—E lhe mandam passear com as linguas..

—*Ego enkariseo, arkan.*

—Agora faça o quizer.

—*Oberregado capitão.*

—Capitão, eu tenho de pedir-lhe um favor.

—Estou as suas ordens, Sr. Lima Barboza.

—V. Ex. sabe que vagou o lugar de escripturario da Assembléa, e que está a vagar o de continuo; e como me ache desempregado, quero que V. Ex. escreva aos seus amigos deputados afin de ser eu o nomeado para qualquer das vagas.

—Sinto bastante, Sr. Lima Barboza, que o Sr. se apresentasse tão tarde, pois conversando com um amigo deputado, disse-me elle que ha um crescido numero de caudatatos, para o lugar de escripturario, e que mesmo para o de continuo tem apparecido inumeros caudatatos, devendo pelo que me disse elle, ser nomeado, creio que o Dr. Marianninha que é tambem deputado; já vê que elle, alem do seu voto, deve ter os dos mais collegas.

—Porém, capitão, este moço foi ultimamente empregado:—eu li na noticia do Rio.

—Não me consta. Qual é o lugar para que foi nomeado?

—Creio que commandante superior da Barra das Villas.

—Ora esta é boa! o meu amigo não sabe que isto de guarda nacional não rende, e que o moço não tem clinica, pelo que precisa ganhar? Alem d'isto elle deixa de ter a mamata de deputado para o anno, e segundo me informam elle não volta à assembléa.

—Porém, V. Ex. não acha triste que elle de deputado passe a continuo?

—Que quer, meu amigo? a necessidade tem cara de herege.

Este tal Marianninha foi o que fallou contra um moço, que é empregado publico, só porque juro á repartição não lhe deu Ex.?

—Não sei si foi elle; porém é capaz de proceder assim, visto como disse-me um sujeito, á quem elle dirigiu uma carta por esta forma—Assembléa provincial da Bahia, tantos de tal mez de 1874, e assignou—o Exm. Sr. Dr. F. . . . Deputado Provincial.

—Então agora o melro enche uma folha, porque alem deste titulo, si for nomeado, deita—*Continuo da mesma e commandante superior da barra das Villas por S. M. I. etc. etc.*

—Guarda-marinha, que dous cujos são aquelles que estão conversando ao lado da capella do Bomfim?

—Um é um moço honesto; o outro é um biltre que por mais d'una vez tem vindo aqui ao convez para ser castigado e que por forma alguma toma vergonha, nem por S. Pedro, nem por S. Paulo.

—Que dizem?

—O tal está, como sempre, tratando da vida alheia e fallando de dous moços que moram no Bomfim; tracta-os por moleques.

O honesto defende-os.

—Quem é o tal cujo, homem?

—Capitão, poupe-me o fallar de quem não tem vergonha; vendeu-a e não a encontrará nem por milagre de Santo Antonio ou S. Francisco, pois aquillo é o rei das infamias.

Anda aquelle safado desde a manhã até a noite, por todas as ruas, beccos, ladeiras e matos, a ardear os dentes, com ares de *costureira*.

— E' preciso uma sova, não?

Muxingueiro, mil calabrotadas na cara desse safado.

— Já la vou, capitão, sou todo azas, meu bom Sr.!

## LA VAE VERSO.

Latronopolis tem cousas!  
Oh! então bellas cousinhas!  
Tem mysterios e horrores!  
Tem tratadas e *marinhast*!

Aquelle é commendador,  
Negoeiro, é traficante,  
Est'outro traja *baeta*,  
E' tambem negociante!

Faço viagens á *Costa*,  
Mudo o nome, sou um *Cresso*;  
Dou ordens, não recebendo-as,  
E carga a illi *expeço*.

Bella terra! bellos climas!  
*Havana*, que bons charutos!  
Pois a carga d'incantada  
Não tornou-se em *negros brutos*?

Santa terra! não ha duvida!  
Outra mystificação!  
A carga virou dinheiro,  
Sem nenhuma *transacção*!

Foxter, Foxter, santo Foxter!  
Guarda guarda este dinheiro!  
Esta fortuna com juros  
Salva o torrão brasileiro.

Aliva briosa Albion,  
O paiz da liberdade,  
Sou todo teu, livre terra,  
Que salvas a humanidade!

Sei que forca merecemos,  
Mas os nomes onde estão?  
Trocamos, não somos bobos;  
Quem puder pegue o ladrão!

Latronopolis tem cousas!...  
Sant'alma do tal *Mingu!*  
Pois não *dêxou* seus negocios,  
Suas contas n'um angü!

E agora us herdeirinhas  
Que se aguentem com o *machado*,  
Que o *vaso da carnabiça*  
Já se achá transtornado.

E vivô, viva quem vende!  
Quem tem dinheiro vende!  
O mundo é nosso, vivamos,  
E viva quem já morreu!

J. P. M.

## PARTI COMMERCIAL.

PRAÇA DE LATRONOPOLIS 17 DE JUNHO DE  
1864, AS 3 HORAS DA TARDE.

### REVISTA DO MERCADO.

O mercado durante a semana esteve bastante animado.

Os depositos de generos alimenticios estão abastecidos.

Dos bois mongos que entraram na semana precedente ainda restam alguns, como se pode ver pela excellente qualidade de carne que tem vindo ao consumo.

Nos estabelecimentos de credito fizeram-se algumas transacções.

A *Caixa do Municipio*, cuja direcção está a findar, pretende readquirir o credito que tem perdido com algumas obras de utilidade. E' pena que se lembrasse disso no ultimo quartel da vida.

Deve ser *recolta* para continuar a prestar ao povo os *beneficios* que agora enceta.

Sente-se alguma falta de numerario. A casa *Pinto dos Mares* que até aqui tinha sempre feito seus pagamentos pontualmente tem *afrouzado*.

Os *saccadores* que entretinham transacções com aquella casa, procuram novos estabelecimentos onde possam *especular*.

O agente de leilões *Malaquias* que era todo ao serviço d'alli, propez ao negociante de *trascancias* A. José S. G. entabolar transacções com aquella casa commercial. E' de suppor que pouco resultado possa tirar alli.

Fretou-se a barca *Gouveia* para conduzir uma carga de *graxas* da ilha dos *Desfructes* para a cidade da *Demencia*.

Durante a semana entraram e sahiram alguns navios com generos do paiz.

Entrou da *Ara dos Cajús* o patacho *Caim* que manifestou a carga seguinte:

Malvadeza 400 caixas, hediondez 200 fardos, bajulações 100 pinas, bandalheiras 300 molhos, servilismo 500 barricas.

Manifestou mais carga reservada:

1 sacco *logros* para certos negociantes desta praça, 1 bahu contendo regulamentos para alfandega e capitania do porto de *Latronopolis*.

### MOVIMENTO DO MERCADO.

*Accyholia*.— Entrou uma partida na barca *Indifferenta*. Foi comprada para uso da po-

## PARTE MARITIMA

## MOVIMENTO DO PORTO.

## ENTRADA DO DIA.

Cidade de Abas-Dias com escaffa por *Cavaleiro de Ouro*—palhubote *Chico*, cap. *Alexandre*, carga 1 caixa botinas de calceuhares tortos, 1 embrulho gravatas largas avariadas para 320 rs., 2 caixões capotes emmalados para um esquadrão de cavalaria, 1 maço papeis relativos ao mesmo, 2 caixões botas de montari. proprias para sertanejo, consignado à *Carvalho e C.*

*Ara dos Cujus*—patacho *Caim*, cap. *Pi-roca Vermelho*; passags. um filho de *America*; *Aguiar* com um bahú contendo regulamentos d'alfandega e capitania do porto de *Latronopolis*.

## Annuncio maritimo.

## CIDADE DA DENUNCIA.

A barca *Gouveia* tendo seu carregamento prompto constante de gravatas, gravatinhas e gravatões, pateticos e bandalheiras sahirá brevemente; para passageiros ajuda tem alguns commodos. Trata-se com o consignatario,

## POST-SCRIPTUM.

La vae a pique o *Alabama*!  
Nao é com sipò, nem pau, nem ferrão;  
é por gravatas.

Miserecre meí, Deus...

O Sr. Antonio José de Souza Gouveia chamon o *Alabama* à responsabilidade por um artigo contra o Sr. Gouveia Gravata, que diz ser elle.

Atè hoje o ignoravamos.

Desencadeiam-se as furias, rugem os ventos, troa a tempestade, cerração no horisoute.....

Misericordia, Senhor!

Aproveitem a occasião, rapazes de gosto!

Aproveitem, meninos!

Venham deitar lenha á fogueira!

Como estão contentes os tratantes, devassos, velhacos e ladrões!

Morre o *Alabama*, e alfogado!...

Grande Deus!

Ora, Sr. Gouveia!

O artigo não é com o Sr.; si se chama Gravata, ficamos sabendo de hoje em diante e para não haver confusões, vamos chrysmar o sujeito com quem outro dia ajustamos contas por *Gouveia Pescocinho*.

Agora não pode haver duvida.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.

licio de *Santo Antonio*, mas por ora não se descarregou por ignorar-se quem é all que representa autoridade.

**Caponismo.**—Este genero ha dias tem bundado no nosso mercado.

A demanda tem sido insignificante em relação as existencias.

Pode, porèm ser, que o estado d'apathia em que cabiu semelhante mercadoria me-nore.

Entre os diversos depositos que avultam nesta praça, sobresahe o do estreito da *Gouveia* pela variedade e bisarria do seu sortimento.

**Namoros.**—A carga do brigue *Frederico* procedente do *Caquende* está depositada na caixa do theatro á ordem dos consignatarios *Lulu & C.*

**Ousadia.**—As transacções neste genero limitam-se a pequenas compras por alguns proprietarios para uso de seus escravos. Os depositos estão suppridos.

Uma partida de 100 fardos que estava depositada no trapiche *Alvarez* foi reexportada para *Solar de S. Francisco*.

Além desta transacção, a de mais vulto durante a semana foi a de alguns fardos comprados para gastos dos africanos escravos da nação.

## EXPORTAÇÃO.

## GENEROS DESPACHADOS.

Cidade dos Agiótas, barca *Cabaça n'Agua*, José das Malachias Rei, 7 volumes *Arte de enriquecer depressa e sem trabalho* pelo Dr. *Esperteza*, 2 maços papeis relativos a certos ganancias no corpo de policia de *Latronopolis* em certa e q. o. ha, 1 caixa mentiras.

## IMPORTAÇÃO.

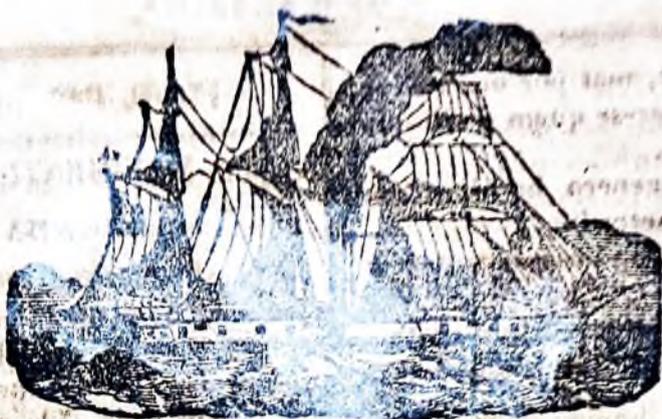
## MANIFESTOS.

Cidade da *Barra*, brigue barca *Santo Antonio*, capitão José de Araujo.

1 cesto limas, 100 fardos maleriacões, 200 caixinhas magicas para certo almoxa-rite, 400 recibos de diferentes compras, todos assignados por um preto africano, 80 pagas compradas para a obra do theatro, 20 folhas de pagamentos de operarios phos- phoros da obra da celebre montanha, 2 officios de suspensão de pagamentos pela legalidade delles.

## Accrescimo.

2 barricas vermelhão bruto, 1 caixa adu- nação podre aos deputados provinciaes, 1 carta para um thesoureiro que serve do creado de compras de certo conselheiro e 1 boueco chorão para presente.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª ————— BAHIA 21 DE JUNHO DE 1864. ————— N.º 76

Publica-se na typographia de Marques, Aristáiles e C., à rua de Misericórdia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 números, pagos adiantados. Folha avulsa 1\$00 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE

Cidade de Latronopolis, ~~bordo do Ala-~~  
~~bama~~ 20 de junho de 1864.

Officio ao Sr. inspector do arsenal de ma-  
rinha, pedindo providencias contra um fac-  
to escandaloso, que dizem, fóra praticado  
na sexta feira, 17, na officina de ferreiro  
desse arsenal e que anda propalado na  
boca de quasi todos os trabalhadores d'a-  
quelle arsenal.

Portaria ao Sr. fiscal geral, ordenando-  
lhe que mande incontinenti deitar fora  
todo vinho que encontrou falsificado, na  
venda n.º 82 à rua da Larangeira, visto  
como a multa que pagou não é pena suf-  
ficiente, e é muito natural que aquelle ven-  
dilhão continue a vender o tal vinho, para  
resarcir o prejuizo que soffreu com a  
multa Cumpra.

### REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Chuchu Frederic offerecendo à venda  
a espingarda de sua porta, para com ella  
se darem os tiros no funeral da camara mu-  
nicipal—Remettido ao presidente da mesma  
afim de fazer a compra pedida.

—Leitao Borgia pedindo licença para dar  
licções de curió.—Informe o crioulo Am. n.

cio si o supplicante tem as habilitações exi-  
gidas pelo regulamento do fallecido João  
Pimboça.

—O que ha no Forum?

—O Alabama foi chamado à responsa-  
bilidade!

—Tanta gente! E porque?

—São tres mulatinhos com quem é pre-  
ciso acabar, tres moleques que não querendo  
traballar se occupam da vida alheia.

—Ah! quem disse isto?

—Aquelle moço branco, todos aquelles.

E aquelle gallego creado da estribaria do  
Paço enchea a bocca de caivras, e pediu a  
morte aos alabamas.

—E que tem os moços com o Alabama?

—Eu sei! Não querem traballar! dizem  
os estopidos e os ladrões; e tem entretanto  
uma typographia, em que se imprime o Pi-  
rilampo, o Sincho-Panço, o Patriota e o  
Alabama.

—São redactores de tudo isso? Que ta-  
lentos!

—Mas são redactores do Alabama!

São, são, são e são!

Matemol-os pelas guelras!

Tres bodes! dizem os bras leiros distinc-  
tos pela cor e intelligeicia.

Tres caivras! dizem os gallegos distintos  
pela lingua e pela broca.

E a horda de canibaes grita em unisono cetro:

« atemos o *Alabama*!

« Atloquem o!

« Enforcuemol-o!»

—Como esão engana los os ladrões!

—Sa e a edac o.

Brasileiros sem preconceitos, caracteres honestos, rendemo-vos homenagem!

Portuguezes moralisados, fazemo-vos justiça!

—De certo, de certo.

Cá e lá más fadas ha.

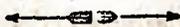
Para a escoria dos dous paizes, para os emigrados do Limoeiro, para os fugitivos de Fernando de Noronha, è que o muxingueiro està em actividade!

Quanto a isto não ha duvida.

—Quantos inimigos tem o *Alabama*!

—Ora! pudera não!

Cada ladrão vale por u na duzia ou mais! toda a famila!



—O que faz aqui na praça a estas horas, Sr. Lima Barbosa, com este sol de meio dia?

—Viu á thesouraria provincial e estou por aqui esperando que chegue o Sr. inspecção para me dar um despacho.

—Homem, creio que ja chegou.

—Inda não, porque neste instante de la sabi.



—Ouviu o que o Sr. Antonio José de Souza Gouveia disse no *Forum*?

—Que havia dar cabo do *Alabama*, pois elle era o primeiro honrado negociante da praça da Bahia.

—E quem nega? E' honrado, è, è.

Mas o *Gravata*, quero dizer o *Pescocinho* não è, não è, não è; e ninguem mandou o o tro chrysmar-se por *Gravata*, agora, na *horrando parto*.

—Me' dizem que elle anda dizendo que conta com o juiz, que è muito seu amigo e *tal et cetera*.

—Historias!

Deixal-os fallar que elles calar-se-ha-se-hão.

—Historias! Chegou a dizer a um empregado do *Alabama* que havia de metter os tres *putifes* na cadeia, pois tinha DI. NIEIRO e amigos.

E diabeiro è quem rege o mundo.



—Capitão, uma historia de gosto.

Out'ora existia nesta apreciavel Latro-nopolis uma mulher d'um porqueiro...

—Uma porqueira?

—...uma *porqueira*, mulher d'um certo *Zoinho*, a quem *furtaram 400\$*

—De veras? Coitado do homem! um criador de porcos perdendo 400\$ está desgraçado!

—Historia, capitão; elle è quem dizia que lh'os furtaram.

Mas sim; a tal *porqueira* era mesmo uma montão de porquidade; que boca suja, capitão!

A vizinhança não podia parar; os mais injuriosos nomes eram atirados às mais virtuosas e respeitaveis familias.

—Ja morreu esse diabo?

—Essa diaba, capitão, ja o diabo a levou para viver consigo, porque só *elles dous* podiam se accomodar; similes cum similibus facile congregantur.

—E onde morava?

—Na *Lapa Pequena*.

Mas de que serviu levar-a o diabo?

Quando *Zoinho* morreu, propoz, parece-me, uma demanda com o diabo, para reivindicar a mulher, como primeiro marido, e o resultado da pendenga foi que a gente da *Lapa Pequena* ficou peor do que d'antes.

A. mulher, não, a alma da mulher voltou ao mundo e faça ideia!

—Ficou tudo *mul assombrado*!

—Ficou tudo endiabrado!

—A furia investe a todos; que *palavrões*! que *palavradas*!

—Que *palavrinhas*!

—E a uma pobre preta maltrata como não è possível dizer; a pretinha traz o corpo em petição de miseria; chicote e fogo são nelle causas essenciaes.

Os vizinhos não dormem.....

—Acreditam em almas do outro mundo?

—E quem pode resistir á evidencia?

Os teihados não param, e gritam que nem no inferno tal barulho se poderá aturar.

Um pobre homem, portuguez, è sempre insultado e agora sua honesta senhora.

E a graça é que ha ainda quem se interesse por uma abominavel furia.

—O diabo ajuda aos seus.

—Mas elle te m duas capas, capitão.

Já descobriu por exemplo que um dos protectores é um juiz de paz, que não bebe nada, mas que vive sempre n'uma venda; é *vermelho*, principalmente da cara.

Em certo tempo um certo lobo que vivava *sarué* (sarigué) andava debochando com o tal juiz e um certo Antonio que tinha chegado de Santos por Lisboa e fizeram um interro de um portuguez que estava processando uma prostituta cazada.

O povo ficou escandalisado; que juizes! que tempos! que costumes! que cousas! que canalha! que *porqueira*! que diabada dos diabos!

—Mas que fim tem sua historia?

—Fazer à V. Ex. que na *Lapa Pequena* está tudo com medo do diabo que appareceu.

—Alli parece que é o inferno; ja uma vez andou por alli um diabo em forma de homem.

—Agora é peor, capitão; é em forma de mulher!

—Vade retro, cruz.

Ave, Maria.

—Ora o capitão não ficou beato!

Mande o muxingueiro fazer *exorcismos*, que o negocio se acaba.

—Vossé lembrou bem.

Muxingueiro, aprompta a ferramenta e tira o encanto daquella rua.

—Atenção! quem falla son en.

Viram um annuncio no *Jornal da Bahia*?

Principia assim:

«GUARDA NACIONAL.

Vende-se um arreio proprio para 2 de Julho, constando de cabeçadas etc.»

—Bello! como julga os outros por si.

—Calle-se! E conclue:

«Para tratar das 3 da tarde ás 9 da manhã.»

—Que talento.

Trata negocios á noite!

—Guarda-marinha, vá a Soledade, á casa daquelle sargento *hermogenico*, e intimamente que não continue a insultar aos viúvos, como fez ultimamente com uma pobre mocinha de menor idade, e isto em companhia da sua amavel Mingú, sob pena de serem-lhe arrancadas as divisas que de honra.

—Só, capitão?

—Si respingar, traga-o para o porão, e ponha-lhe um par de machos aos pés.

—Só?

—Só.

—E pouco; é ogam do Pau-javá, merece sova.

—Sr. guarda-marinha, eu não hei de satisfazer seus caprichos!

Avie-se!

## Mofina.

(QUINTA VEZ).

Estão para cahir:

O muro das freiras;

O muro do quartel em Santo Antonio da Mouraria;

Um muro, á ladeira da Misericordia, fronteiro aos ferreiros;

Um muro, em S. José, fronteiro ao capitão Lazaro Jambeiro;

O muro do gaz;

➔ A PAREDE DO GAZOMETRO!

Um sobrado, em S. José;

Um sobrado ao portão da Piedade.

Fóra os outros.

Quem será o responsavel pelos damno que houver?

O boi de carga—

O povo.

## A PEDIDO.

Então, meu bipede, grandississimo safado, ja pagaste os alugueis da casa, cujas chaves entregaste depois ao teu fiador? ja saldaste as tuas contas com aquelle incauto padeiro, á quem sacrificaste com a quantia maior de 6.000\$ rs.? para que las de ser impostor e te andar jactando de bom padeiro, adulador sem equal!

Si tu morasses na Estrada Nova encomendava-te a S. Euzebio para... ou antes vou fallar ao capitão do *Alabama* para mandar o muxingueiro fazer-te uma visita e tirar-te o resto dos dedos que tens.

\* \* \*

Da-se de gratificação uma quantia egual à fortuna de um padre octogenario, torpemente defraudada, a quem souber exactamente informar qual foi o incendiario que na revolta de 7 de novembro lançou fogo em duas casas na rua d'Ajuda, com que fim, e quaes as scenas que se passaram na occasião do incendio dentro d'aquellas casas.

*O mestre da Cabaça n'Agoa.*

Pergunta-se ao Sr. fiscal geral a razão porque não fez effectiva a multa contra fogos soltos, hontem, quando em sua presença jogavam-se da casa de prisão com trabalho, trez foguetes buscapés?

*Quem viu,*

Pede-se a certo caixeiro de uma loja fronteira ao Correio o favor de não continuar a dar escandalos no meio da rua, expondo se ao ridiculo com a conhecida *Navalhinha*, afim de não soffrer algum desgosto que por acaso lhe appare algum que não goste destructes.

*Um incommodado.*

Pede-se ao Sr. empresario do theatro, queira mandar collocar nos dias de espectáculo uma cadeira, onde o official inferior possa descansar, como é praxe nas mais provincias.

*O Sentinella*

Será verdade que o thesourciro d'uma irmandade em Cachoeira tira a commissão de 60 rs pelo trabalho de certo *negocinho*?...

Não cremos.

Voltaremos á questáo.

*O venha á nós.*

Sr. Balduinho da Castanha, tenha modo. Deixe de tão mau procedimento.

Eu bem sei que o Sr. é flor de graxa.

Depois não queira ser queimado em Lutronopolis.

Que destino deu a gente do i e o' Lembre-se dos irmãos de Santa Rosa.

Pede-se a certo padreiro (filho de peixe é peixinho) moço branco, baixo, corpulento, de cabelleira, olhos grandes, barba falhada, rosto redondo e bexigoso, o favor de não insultar continuamente aos que passam, porque pode custar-lhe a ro, porque si for encontrado n'alguuma rua de baixo, pode de cima ser-lhe mandada alguma pedra por exemplo.

*E disse.*

## ANNUNCIOS,

### As Bahianas.

NOVA MODINHA.

Poesia do Sr. Tito Livio (auth r do Gigante de Pedra) e musica de José de Souza Aragão.

Assigna-se nas livrarias do Sr. Catilina, Viuva Lemos, Francisco Queirolo e na cidade alta na casa do Sr. Balduino dos Santos e Oliveira e Typ. do *Diario*.

José Pedro Moreira Rios tem um bom cavallo para vender cor castanha g rdo, e hab lidoso; que n quizer procure na loja a rua dos Algibebes n. 7, ou ao Barbalho caza de sua morada.

Na pasteibaria de J. I. d'Almeida e C, novamente aberta á rua Direita da Misericordia, encontra-se excellentes doces, bolos etc, ao gosto de diversas nações, amendoas cobertas, caffè, charutos e refrescos.

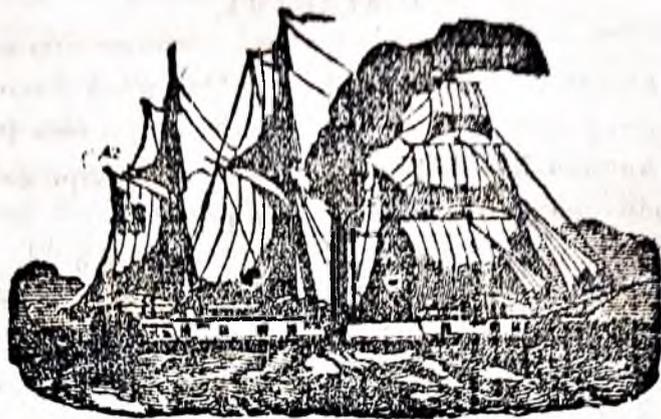
Na mesma incumbe-se de preparar bandejas para bailes, empadas etc. assim como recebe encommendas para jantires, a-promptando por preço rasoavel.

### Annuncio maritimo.

CIDADE DA DEMENCIA.

A barca *Gouveia* tendo seu carregamento prompto constante de gravatas, gravatinhas e gravatõe, p. tetices, bandalheiras e orgulho fofo, sahirá brevemente; para passageiros ainda tem alguns commodos. Trata-se com o consignatario, J. M. dos Reis rua das *Bengalas*.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES, E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.<sup>a</sup>

BAHIA 25 DE JUNHO DE 1864.

N.º 77

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
1.7000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de junho de 1864.

Officio à camara municipal, dizendo-lhe que ainda não se acha de todo calçada a rua Direita do Collegio e ja alli se vê um enorme buraco na quina que dobra para o becco do Arcebispo.

—A' companhia do Queimado para que mande tirar quatro grandes pedras que existem n'Agua de Meninos desde a inauguração da mesma, assim como os tubos que se acham em frente do seu armazem de carvão, isto por observancia da postura n.º 41.

—Ao superintendente da Estrada de Ferro para que faça extinguir os pantanos e lodações que no terreno da mesma existem, visto que affirma a sciencia serem as aguas estagnadas a causa de certas febres, que não deixam de ser frequentes por aquellas immediações.

Portaria ao fiscal geral para que obrigue o proprietario Adães a engastar na parede de suas casas as biqueiras das mesmas, como manda a postura 32. Cumpra.

—Ao mesmo. Prohibindo a postura n.º

34 o ter-se vasos de flores nas janellas, ordena-se-lhe que intime neste sentido ao Sr. tenente coronel D. José. Cumpra.

(No mesmo sentido acerca do Sr. barão do Rio Vermelho).



—Estão zangados com o *Alabama* e tem rasão.

—Mas porque?

—Porque vive só a fallar em calabrote, muxingueiro, safado, ladrão, etc., etc.

—Mas ha muito quem diga que o *Alabama* diverte, è bom, censura, avisa, prevê, descobre....

—Ahi è que está o mal.

—E depois na Bahia não ha vapor *Alabama*, nem capitão, nem immediato, nem guarda-marinha, nem muxingueiro, nem o diabo. Onde ha tudo isso è em Latronopolis, cidade ficticia, imaginação do redactor que tem o pensamento livre como todos o tem.

—Ah!

—Eh!

—Ih!

—Oh!

—Uh! Uh! Uh!

—Pois ou assim, ou assado, uma *graceta* servirá para a forca!

—E quem será o carrasco?

—O Gouveia Pescocinho.

—O que sabiu no *Alabama*?

—Sim.

—Ao menos o Sr. Antonio José de Souza Gouveia fica sabendo que o tal Gravata não é elle.

—Ora adeus!

Si tudo è ficticio...

—Mas o Sr. Gouveia è *real*, tem diuheiro!

—Mas todo seu diuheiro não será capaz de fazer provar que Gouveia Gravata é A. J. S. Gouveia.

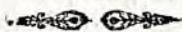
—Mas si o homem diz que quem vende assucar com o nome de Gouveia é elle....

—Ah! é dos taes que raciocinam como o sujeito que sendo chamado tacão, disse:

Tacão é de bota; bota é de couro; couro é de boi; boi tem chifre; logo este sujeito me chamou.... psio!

—Mas o Sr. Gouveia não mora em Latronopolis!

E depois não è com elle, não é com elle, não é com elle.



—Quem é que está alli no Coberto Grande?

—É o Sr. A. J. S. Gouveia que anda cataado quinze exemplares do *Alabama*.

—Ora que trabalho!

Pois se imprimem mil, e o Sr. Gouveia julga que se vae negar que ha quinze assignantes?

Podia mandar á typographia, dar esse lucro aos *bedingos*, que era uns 1\$800 seguros, e anda a caçar.se!

Mas quem é aquelle outro?

—L' o Miguel Ferreira Dias dos Santos, que aconsellia-lhe que metta os *caivras* na cadeia.

—Olé! tanto barulho para matar uma pulga!

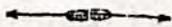
Temos o D. Quixote!

Que hespanholadas!

—E a dizer-se-lhe que não é com elle, e o homem a querer tomar a carapuça á força!

Sr. Gouveia, não é com o Sr; não è, não è, não è, não, homem de Deus!

Que teima! arre!



—Que home é aquelle, si nhô Mané?

—E' o Gouveia Pescocinho, Zé.

—E cumm aquelle menino chamou elle aza preta?

—Porque é o corujão da egreja da Sé.

—Cumm è?

—O coveiro das chapas.

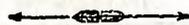
—P'ra fazè qui é?

—O namora monturos.

—Diga dereito, home!

—E' um ladrão que tomou unia sova no *Alabama*. e um outro Gouveia tomou as dores dizendo que era consigo.

—Ah! é uegocios de politica e *priodicos*. Iuda bem que eu não leio gazeta.



—Charo Dr., demos tempo ao tempo que ainda melhor mestre não teve a humanidade.

—O que é, Sr. ?

—E' que *scintilla contempta excitavit incendium*.

—Não sei a que se refere.

—Ha de sabel-o algum dia.

Os amigos não são somente os *augustos*, os nobres, os ricassos; o rato agradecido já salvou o leão.

—O Sr. esta enigmatico.

—Paciencia; o peor cego é o que não quer ver. O burro também ajudou o leão a caçar.

—Não o comprehendendo.

—O corneta ajuda o general a ganhar a batalha.

—Estou na mesma.

—Sabe a fabula do leão e do mosquito?

—Ora adeus! Pensa o Sr. que tempo a-meças?!

—Ameças não Sr., advertencias; quem me avisa meu amigo é.

Prometto-lhe que quando voltar de *França*, já o mestre tempo terá dado sua lecção. Conversaremos então.

E adeus, Dr.



(Continuação do numero 74)

—Ora bem: eu não nego que o seu *santo* é *santo*; sei que os que *menos* cumprem os mandamentos da lei de Deus são os *muis santos*.

Por exemplo David, propheta e rei, gostava das mulheres alheias.

Calombreiro.....

- Capitão, ouça,
- São Calombreiro.....
- Capitão, por quem é.
- Rapaz, deixe-me fallar.

Si n'um paiz constitucional, o Brazil, onde a lei diz que niugnem pode ser condemnado sem ser ouvido, sem ter defeza, o juiz diz que não admittre replicas! quanto mais eu, official a bordo, e n'uma terra como esta Latronopolis!

Ouçã os mandamentos da lei de Deus.

1.º Calombreiro tanto amou a Deus que ficou santo.

2.º Só jurava pelos santos de seu mano Joaquim, e por *necessidade*.

3.º A' missa sempre foi.

4.º Honrava tanto a seus paes que os deixara na Lysia em miseria, e elle n'arvore das patacas a frescar, só visitando-os quando lhes foi offerecer a broa por um testamento que legava dividas.

5.º Só matou dous pretos.

6.º Foi tão casto que só tinha trez cazas.

7.º Nunca furtou; negociou em borboletas e canarios para viver.

8.º Falso testemunho nunca levantou; disse que o irmão fallecido só deixara misérias, dividas incobreveis.

9.º Nunca desejou a mulher do proximo; só teve filhos da mulher do irmão.

10.º Nunca teve cobiça nas cousas alheias; tirou a fortuna do sogro, do irmão e dos cunhados para os mandar direitinhos ao ceu.

Assim amou a Deus sobre tudo, tudo por Deus fazia; amou o proximo mais que a si; mandava os outros para o ceu e ficava com o dinheiro em risco de ir para o inferno.

—Santo homem, capitão!

—Jesus! tão santo que uma vez deulhe na cabeça querer morrer como Christo.

(Mais *andaz* que S. Pedro, que tendo de ser crucificado, para se não egualar a seu divino Mestre, quiz morrer de cabeça para baixo.)

Chamou uma escrava sua e fez de Pilatos; mandou-a açoutar.

A policia oppoz-se porque não gosta de experiencias.

—Que desaforo!

A policia prohibindo que se faça penitencia!

—Mas elle para desfazgar disse que a escrava tinha delinquido e que era obra de misericordia castigar aos que erram.

A' tão fortes rasões quem poderia deixar do ceder?

(Continãa.)

—Que rua é esta?

—E' a da Louça.

—Eu chamal-a-hia da desgraça.

—Porque?

—De quem são estas cazas?

—Da Misericordia.

—Pois não parece.

Ja não morreu na Bahía um homem que levou com uma biqueira na cabeça?

—Ja; foi o pae do actual inspector d'alfandega, nas Grades de Ferro.

—Pois deixar estas bicasta cahir assim aos pedaços não é misericordia nenhuma.

Vem um pedaço deste ceu velho e lá se vae de viagem qualquer pobre diabo que por aquí passe.

—O dinheiro d'aquella caza é hoje pouco para as irmãs de charidade.

—Mas a culpa é da camara.

Grande Deus! Faz-se aqui tão pouco caso da vida dos cidadãos!

—Capitão, estamos perdidos!

—Porque? Por causa da responsabilidade?

—Cousa peor.

Eu vi os planetas todos pela cidade baixa.

E o Evangelho diz que no fim do mundo as estrellas do ceu cahirão.

—Onde foi isto?

—Eu vi, capitão, a lua em ar de Saturno com um grande anel e circumscrevendo innumerás estrellas.

—Ora que asneira!

E' a loja da Lua.

Antigamente os habitantes da terra julgavam ser esta centro do systema; aquelles sujeitos são do mundo da lua, julgam a lua centro dos planetas.

E' ignorancia e amor proprio.

—Ora que sujeitos! não me metteram susto!

—E', que V. tambem é do mundo da lua!

## LA VAE VERSO.

Na noite de S. João  
Ha de haver gran patuscada:  
Guarda-marinha Guilherme,  
Avisar a raposeada.

Haverá milbo cozido  
Cangicas e mongunzá  
Moquecas e peixe frito,  
Carurú e vatapá.

O poeta dos jantares  
Ha de assistir á função  
Em logar de levar lyra  
Levará um garrafão.

Haverá foguetaria,  
Traques, bufas e bixinhas,  
Bombas, craveiros, pistollas  
E excellentes rodinhas.

P'ra as espigas descascar  
Avisar-se o Celestino,  
Rapaz que p'ra esse officio  
Tem pericia e muito tino.

P'ra ser brilhante o pagode  
Jogos de prenda haverá  
E um bello advogado  
No brinquedinho entrará.

Os milhos ha de mandar  
Um frade beneditino;  
Laranjas o Barros Reis  
E cocos o Bernardino.

O labrego *Amarrellinho*  
Ha de no brinquedo entrar,  
Ha de dar *cubellos louros*  
Para os feijões temperar.

Os côcos ha de ralar  
A do O' que nisto é fina;  
Para mecher a panella  
A creoula Bernardina.

O Gouveia Pescociuho  
Dançará de sarameu,  
Fará figura de bobo  
Com gravata de judeu.

O Freire com seu canzá,  
O Lonelis com seu vù,  
Malaquias trapaceiro  
No fogão mechendo angú.

O *chronel* qu'inda se lembra  
Do tempo qu'era menino  
Garboso *descascará*  
Para salada pepino.

Um certo commendador  
Da historia d'um *palacão*  
Gritará com toda a força:  
Accorda, accorda, João!

Do paço o servo *Gonsalces*  
Devoto de S. José

Carregará p'ra fogueira  
D'imbabuba um grando pó.

O homem que mata a gente  
Quando devia curar,  
Ha de n'um livro de sortes  
Com as fadas conversar.

Certo doutor que faz *ponxe*  
E tem nome de *leão*  
Por ser mui devoto irá  
Gritar:—Viva o S. João.

O *Calombo* das *Ombreiras*  
Com o seu mano *Juquin*  
Irão assar no borralho  
Raizes de aipim.

O gordo homem dos ramos  
Com sua creoula *mança*  
N'um bem chorado lundú  
Darão o principio à dança.

E ao rufo do pandeiro  
E ao som da violinha,  
Ao entoado compasso  
Das palmas da creoulinha,

Será completo o pagode  
Será inteira a folia  
Sendo rainha a *patricia*  
De tão bella companhia.

## A PEDIDO.

## Atenção.

Advertimos a certo moço de barrete cor de macaco morador na rua da Poeira, que vive desde as 7 horas do dia até as 11 horas da noite na janella, a observar o que se passa pela vizinhança, metido a namorar para uma certa casa e fazer versos na janella, que trate de trabalhar não seja vadio, do contrario terá um logar no batalhão 10 de caçadores.

*O vigilante.*

## ANNUNCIOS.

A commissão encarregada dos festejos ao memoravel dia 2 de Julho, na freguehia de Santo Antonio, pede aos moradores da mesma se dignem illuminar as janellas de suas cazas, nas tres noites, de 2, 3 e 4 do vindouro, para maior brilhantismo e realce do grande dia que scellou a independencia do Brasil.

Quem dezejar possuir um rico piano forte, novo, de armario, com excellentes vozes e de gosto, dirija-se à rua Direita de Palacio, sobrado n. 15 1. andar.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.ª

BAHIA 27 DE JUNHO DE 1864.

N.º 78

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 26 de junho de 1864.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma venda fronteira á thesouraria geral e intime a seu proprietario que deixe de comprar furtos, como ainda na sexta feira aconteceu, sob pena de ser remettida ao Sr. Dr. delegado para dar as providencias. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a S. Pedro e intime a certa moça que costuma deitar cascas de ciria para cima de quem passa pela rua, que não continue com a graça, sob pena de ser-lhe publicado o nome, e o numero da casa, alem de ser conduzida ao porão deste navio, onde se costuma amollecet a cabeça de quem é teimoso. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua Direita da Conceição do Boqueirão e intime a mulher de certo advogado que se faz preciso não continuar a mesma a mandar por sua escrava pilar milho, depois da meia noite, visto que nenhum de seus vizinhos pode dormir com o ruido enorme que produz tal operação. O que cumpra.

—O Gouveia não é liberal?  
—Exaltado.  
—E tanto que quer matar a imprensa pelas goelas.

—Com effeito é incommodo.  
—Então não fallem dos conservadores.  
—Eu não; quero tanto bem a uns como a outros.

Não sei como hei de escolher entre o Sr. Dr. Costa de quem se queixa o *Diorio* e o Sr. Dr. França de quem se admiram todos.

—Este França não é um que queria ser deputado pelo nome do pac?

—Justamente; é liberal por herança, a liberdade naquella familia é hereditaria.

—E a prova é que querem na vespera de 2 de Julho acabar com a imprensa.

—Mas o *Alabama* é gazetinha.

—E deixa de ser imprensa?

Temos o outro que disse que não assignava *folhinhas*.

Não se lembram estes moços que com as gazetinhas é que elles se arranjam nas eleições.

—Em fim, si puderem matar vão matando.

—Realmente ha certas victorias que em nada honram.

—Que sujeitos são estes?

—São francezes; dous delles brigaram

com o Lanat, deitaram caza de caballerero e hoje, como è dia de S. João, estão se divertindo com seus patricios.

— Divertindo-se?!

Atropellam a todos, dão à direita e à esquerda, maltratam as pobres mulheres que encontram, deitaram abaixo as cercas que se collocaram por causa do calçamento das ruas e se estão divertindo?!

— Como a policia consente, julguei que era brinquedo.

Vieram assim da cidade baixa, subiram o Taboão, passaram pelo Maciel, Terreiro, rua Direita da Misericordia, Praça e rua Direita de Palacio, e estão já em S. Pedro, sem soffrer incommodo!....

— O peor é não fazerem elles como os patricios do Rio de Janeiro que hastearam sua bandeira, deram *morrus* ao Brasil e fizeram o diabo a quatro.

— Nem tanto.

— Si não ha correctivo!

— Attenção!

— Temos obra grossa.

— E temos.

Novo meio de ganhar dinheiro.

Uma aberração da natureza serve também para especulações.

— Que diabo é isto?

— E' que lá está, na ladeira da Conceição, n.º 9 A, o Sr. Vicente José de Castro a offercer ás familias o spectaculo d'um hermeproditia mediante ajuste.

— Ah! quem quer ver a creança em caza paga 2\$ rs.

— Isto tem termo?

— Oh! porque não?

Quem tem qualquer defeito phisico soccorre-se á compaixão do publico e vac passando.

— Tira esmollas?

Nesse caso, si o tal Vicente quer dinheiro, tire também esmollas; deixe-se de cassuar com o povo!

— Capitão, ouça o que disse na sexta feira 24, um *branco das ilhas*, por occasião de parar a gondola das 5 horas da tarde para receber uma mulher parda, que chegara mais tarde.

« E' muito desaforo isto! Pois fazer-se pa-

rar a gondola para esperar, e esperar por quem logo? por uma negra.

Não se deve tolerar semelhante desaforo, negros andar misturados no meio de brancos! E' insuportavel! »

— Mas Sr. (dizia um sujeito) por ser negro não p'ga seu dinheiro, e a constituição não dá equal direito a todos?

E depois a mulher que alli vem não é preta, è uma parda, e até muito alva.

— E conhece o tal sujeito?

— Muito, capitão, e V Ex. também.

— Pois então vá avisal-o para apresentar-se, por que quero ajustar contas com elle, e isto breve.



**Scena de 14 de março de 1838  
na rua d' Ajuda.**

— Ora, Sr!

Não vale a pena passar-se um dia em Itapagipe, só pela falta d'agua potavel.

— Alli no Rosario não ha chafariz?

— Ha; mas a preta voltou sem agua, por que não encontrou quem a vendesse.

O guarda estava n'uma caza fronteira tocando flauta, e recreiando o amargurado peito!

— Capitão, sabe a fabula da raposa aventureira?

— Conte lá isto.

— Bem; a tal rapoza manhosa como todas, vestiu-se um dia de homem e metteu-se a beato; advogou os interesses do papa, rei temporal, veio ao *Brazil* e fez proezas.

« O homem é sabio!

É poeta, orador, theologo, philosopho, prosaico, mathematico, polymatha eulium. E depois é plagiario! »

Disseram todos.

— Que rapoza sabida!

— E os padres disseram:

« É ultramontano! charidosa alma!

Um director de collegio recebeu o bixo-homem a braços abertos, e fez-o professor.

Mas o bixo começou a querer comer os meninos e deitaram-no á rua.

Os padres mais o estimaram, e protegido de padre é couza.

O bixo continuou a ser professor.

Mas ia comendo sem dar na vista.

— Manha de rapoza!

— Alumnos externos, tres eram seus; internos todos, pois sustentavam a caza.

Externo (a palavra o diz) é de fora: não tinha direito ás sabias lecções do mestre, embora pagassem os paes.

Uma nota má era pouca cousa; si os internos o queriam!

— E como ensinava elle?

— Custou, mas acertou.

— Sabia ler?

— Si sabia ler! Si aquillo tinha parte com o diabo!

Tragam *Pompeu*, disse elle, ou ella.

— Era geographia?

— E historia.

Cinco mil reis um *Pompeu*; *Pompeu* não presta; *Abreu*; tambem não presta; *Gaultier*; é antigo, e não queremos carranças; *Monte-Ber de*; este sim, que é de caza.

— E quanto á historia?

— Contava mestue uma historia; apostillas offerecidas aos internos que eram as suas queridas gallinhas.

— Que devastação não iria por aquelle terreiro!

Fez como o lobo que se vestiu de pastor.

— Mas não teve a paga do lobo.

— Agora, a moralidade da fabula.

— Moralidade! foi cousa que nunca teve.

E enganou a meia duzia, e metteu se entre os *jesuitas*, onde passa vida folgada e milagrosa.

— Amigo, V. tem pouco geito para fabulas. Nem todos podem ser *Esopo*, *Phedro*, ou *Lafontaine*.

— Não nego; tambem a rapoza nenhum geito tinha para professor e litterato, mas vendeu pomuda.



— Capitão, nas janellas da camara ha uma ave, será gallinha?

— Que gallinha! É uma pomba com um ramo d'oliveira, allegoria da pomba d'arca de Noé, e tanto que tem o ditico— Sic illa ad arcam reversa est.—

— Quem não sabe é como quem não vê.

Como sempre eu ouço fallar na camara que faz posturas, e vi aquella ave, julguei...

— Que a camara representa uma ave?

— Não, Sr.; que o emblema da camara era uma gallinha.

— Mas olhe, todas as aves poem.

— Tem razão, tem razão, a gente fallando é que se intende; quem pergunta quer saber. Si V. Ex. não me esclarece, continuava eu no erro.

— Triste cousa é a ignorancia!

— Tem razão, capitão; sou tabareu, não intendo disso.

—

— Capitão, iô teve um susso grande.

— Susto de que, rapaz?

— Iô pensa qui Latronopo tá Sodoma; iô pensa qui mundo vae caba; iô pensa qui cassitigo chega; iô pensa qui iô móre assado....

— Por pensar, morreu o burro do teu paé.

— ...fogo ta hi; caridade grande, iô qué vê, iô ta cum susso, iô pede Nauseuhô pru eu, iô vem vê.

Condo iô chega, capitão, xê xê xê-bú; iô cae ni chão, raio qué mata iô, iô nau móre, iô levanta; bussicapé é qui core.

Mai rua turo tá cheio de foguera; iô grita: Jesuita venceu, quisição ressussita, foguera ta hi!

Iô córe ni cruzeiro de San Francisco p'ra jueia ni pé de Cruze e Nauseuhô livra eu de familiá din quisição.

E' condo iô repara; menino d'um caza, de numero 82 joga bomba ni cabeça de anani qui passa.

Iô core, iô pergunta qui é esse, iô fica pantado, condo anani me diz:

« San João tá hi. »

— E não te envergonhaste de ignorar o dia do nascimento do Baptista?!

— Iô nan gnora, capitão; mai iô pensa qui iô tá ni cidade, angora sim, iô viu qui iô ta ni roça, qui iô te ni ardeia.

Qui diabo de tera é esse? Trei dia agua só, tá lembra diluvio; angora fogo e mai fogo, tá lembra Gomorrha e Sodoma.

—Ora este pedaço d'astro não deu em reformar o mundo?

—Tá denreto; nan fazê mã qui toca fogo ni cidade; capitão sabe que munto trapiche se soffrê de fogage; e angora memo, buscapê què toca fogo ni casa de Carçada.

E' pru esse qui iô falla: mai capitão tem resom; guborno qui cuida ni caba esse sipectaco; caubra qui foze respeito pussura ni ere.

Iô falla, praquê iô ta progressissa, iô què caminha, e caminha depressa.

—Pois bem, patife, caminha e caminha e já para a cosinha!

Nella è que està o teu progresso, reformista d'um dardo!

—Jussamente, capitão, este ta ni moda; pega ni goela p'ra auani nan fara.

Xa Gouveia principia, capitão què caba.

—Novidade!

Quem offerece uma biblia a um christão e judeu.

—Quem disse?

—Leia o *Brazil* e veja:

#### «EIL-OS DESMACARADOS.

A sociedade biblica de Londres fez presente de tres biblias ao general Garibaldi.

—Que descoco!

Si já não tinha jantado quem escreveu, e doudo.

—Si não é, parece; tanto que sob o titulo de *liberdades italianas* dá uma noticia d'assembléa provincial do Rio.

—Si o redactor é encyclopedico!

—Que casa è esta?

—E' casa de saude.

—Explique-se.

—Curam-se aqui doentes.

—Ah! mas muitos visinhos hão de soffrer!

—E entretanto a postura n.º 122 diz assim:

«As casas de saude só poderão ser estabelecidas fora da cidade e com licença da camara.

—Quem fez a postura não foi a camara? E' que a camara deu licença.

A quem pertence?

—Ao Dr. Domingos Seixas.

—Ah! è por isto!

—Está tirado o encante!

—Este mundo tem couas

## A PEDIDO.

Sr. Capitão. — E' lamentavel, na verdade, o stado do homem que por força de *spirito*, genio ou talento, não pensa de tarde como pela manhã pensava.

O *Alabama* è uma especie de policia, è um excellente jornalzinho, dizia á tarde um conhecido musico que teve ou tem pretensões a juiz de paz.

A' noite a fecundidade daquelle pensamento o fazia variar; a grandeza d'aquelle genio, a força do *spirito* que o regia e rege era tanta, ia crescendo, brotando, *florindo* por tal sorte que o *Alabama* era o mais torpe paschim, o diabo até que se lhe figurava naquella imaginação *exaltada*.

Ora comprehenda-se lá um homem destes!

E' que *in medio consistit virtus*.

Quando o homem excede ao commum, nem todos podem comprehender-lhe as elevações do *spirito*, os *communis* são incompetentes para apreciar o magestoso alteio da aguia que se perde de vista.

Estes *spiritos exaltados* não podem pois convir a todos.

Poderá o Sr. capitão remediar estes males?

Talvez; como o homem tem carne, apesar de seu elevado *spirito*, mande-lhe visitar o guarda marinha, dando-lhe por assistente o muxingueiro.

O homem que está tão alto não ficará muito embaixo; mas no termo medio, e os *communis* poderão então tractar com elle negocios, e dar-lhe a *importancia de que è credor*.

Um que estava na *Larangeira*.

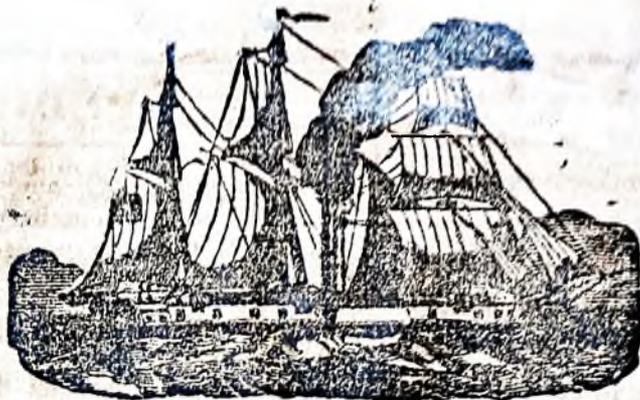
Adverte-se a umas moças muito serias moradoras á rua da *La* *juera* n. 84 que si continuarem a se portar como até aqui, não só para com a visinhança, como com quem por alli passa, será incurrido o Manuel Bahia de condizil-as até algum beco, onde possam melhor dar expansão ao seu genio, por exemplo o do Grelo.

O Escandalizado.

## ANNUNCIOS.

Quem dezejar possuir um rico piano forte, novo, de armario, com excellentes vozes e de gosto, dirija-se á rua Direita de Palacio, sobrado n. 15 I. andar.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 8.<sup>a</sup>

BAHIA 29 DE JUNHO DE 1864.

N.º 79

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama* 28 de junho de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para um sobrado á rua da Poeira pertencente ao Sr. Ignacio Dias de Andrade, o qual se acha prestes a desabar, como já desabou o muro do mesmo, trazendo em sobresalto a vizinhança.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si é verdade ou si está nos termos da lei o que dizem os commandantes de guardas, quando lhes vae algum inspector de quartelão pedir guardas para effectuar uma prisão, ponderando que só devem sair elles quando requisitados pelo subdelegado: o que é inconveniente, visto que ha dias deixou de ser feita no Engenho da Conceição uma prisão em certos individuos que com um carro esmagaram o pé d'uma preta, e que andaram depois a esperar pelo inspector, munidos de cacete e sabe Deus o que mais.

—Ao Exm. Sr. Cons. director dos estudos para que informe com urgencia quantos alumnos frequentam a aula primaria da freguezia do Socorro, á que tempo está ella provida, quantos alumnos tem o professor dado por promptos, quem são, de quem filhos e a residencia dos mesmos.

—Ao Sr. subdelegado da Rua do Paço para que vá quanto antes á ladeira do Carmo, n.º 43 A B e faça dahi mudar-se um africano, papae de terreiro conhecido por *Acou*, o qual incommoda diariamente, isto é todos os dias e noites, a vizinhança daquelle logar com os *tubaques*, *congus*, *algazarras* e gritos que promove por occasião de suas reuniões, que não devem continuar no centro d'uma cidade illustrada como esta.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á uma padaria no Sangradouro e intime a seu dono que não continue a expor á venda pão de farinha podre e negro como o coação de certos ladrões desalmados, sob pena de ser conduzido ao porão, já que nenhum cavaco dão pela saude do povo o Sr. inspector de saude e a Illma. camara a quem Deus guarde etc. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Estrada Nova, á caza de banhos do Sr. Barros, pegue um moço branco que costuma alli ficar nú com os braços abertos a fazer acenos para a caza das irmãs de charidade, e conduza-o para o porão para dar-se-lhe o castigo que merece tão engraçado procedimento. Cumpra.

—Ao mesmo ordenando-lhe que vá á uma padaria á rua de Baixo e intime a seu proprietario que não continue a vender

pão sem o peso legal, sob pena de ser conduzido ao porão deste navio, já que não tem os fiscaes olhos para fazer effectivas as posturas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que mande pelos africanos livres arrancar uma porção de arbustos e capim que existe em frente á egreja do Pilar, já que as posturas quando effectivas, só o são para os particulares, obrigados a limpar as ruas, em quanto nos logares em que não ha cazas, a camara se não digna dar o exemplo. Cumpra.



—Ave Maria! credo! cruz! Vade retro, Satan!

—Tem medo de mim, homem de Deus?

—Ah! falla em Deus, não pode ser o diabo.

Que susto o Sr. me metten!

—E' meu amigo que estou aqui apertado, atrapalhado com esta gravata.

Que diabo! não sou militar e me vexa este pescocinho.

Si eu fosse cachorro assentava-me bem esta colleira.

—O Sr. vae ao bando sem duvida!

Traz por colleirinho um cartucho; por gravata um lençol, por cabeça.... cá, cá cá!...

Eh! hoi!

Moleques à elle!

—Que diabrura é esta?

Tocar-se buscapés para dentro das casas alheias!

Só na Cruz do Cosme se vê disto!

—E' aquelle mocinho *candido* daquelle venda que deu em formar uma nação á parte, um *stado no stado*, e nomeou consul áquelle Sr. Brasilino, que com seus novos patricios fazem das suas.

—E como insultam aos pacificos moradores do logar!

Por aqui não ha subdelegado?

—Ha, ha, mas ah! ah!

O homem não tem geito para a consa. Mette-se no quartel de saude e adeus, Sras., que eu parto.

—E viva a patria!

Bemaventurado progresso!

—Guarda marinha, mande fechar as portas de certo estabelecimento que de graças ja foi para muita gente, mas que é hoje de desgraças para seus accionistas.

—Mas por que, capitão?

—Porque consta não ter que dividir no presente semestre, assim como que continuará a brincadeira por estes dons annos, pois que mal chegam os ganhos para a commissão de seus directores e para o custo da caza.

Fiche-o por tanto e deposite as chaves em caza do Dr. A. J. L.

—E os directores?

—Traga-os á minha presença para empregal-os na admini-tração de alguma ordem rica em companhia d'algum frade manhoso, que melhor os exercite no emprego.

—Assignei 4:000\$ para o Instituto La-tronopolitano.

—Quando?

—Quando aqui esteve S. M. o Imperador, muitos assignaram . . . .

—E pagaram. E V. S., meu charo coronel, meu amavel commendador, já pagou?

—Si não paguei, é por que não quiz; sabe que dinheiro não me falta.

—Mas para que esta gabolice? Assignou, pague.

Quiz mostrar-se por causa d'aquelle seu desafeiçoado e esqueceu-se de que palavras não adubam sopas.

—Ora adeus! historias!

## CALINHEIRO



— Isto é rico!  
 Um *gallinheiro* n'uma sala de baile!  
 — Costumes da Costa, capitão.  
 — Mas na Costa não se festeja Santo Antonio, e a funcção parece que é em louvor

de Santo Antonio.

— E' que talvez o dono da funcção seja meio africano, meio *européu*.  
 Não vê alli diversas raças?  
 — Sim. E' que o homem tem dinheiro,

— Capitão, cumpra a ordem que V. Ex. me deu a respeito do sargento da rua das soledades. Fui intimal-o e disse-me que não era da classe do biltre que lá me mandou, pois que vive honradamente, sem dar motivos de queixa, como pode provar com os vizinhos. Que pelo contrario falla-se muito do outro senhor.

— Que senhor?

— O que com ordem de V. Ex. lá me mandou; que falla-se muito de suas menores, mas é falso e permita V. Ex. que mande o muxingueiro tirar os olhos a tal impostor que é um grande tratante que precisa, pelo menos de cincoenta calabrotadas.

— Traga-o cá.

— Já aqui o tinha; eil-o, capitão.

— Ai! me acuda, meu capitão!

— Pois vae pagar ao homem que mata porco.

— Misericórdia, capitão!

— Fogo, muxingueiro!

— Valei-me, Senhor Deus!

— Mais vinte cinco!

— Capitão, eu prometto.

— O que?

— Emendar minha vida.

— Já pagaste ao homem da venda?

— Não Sr.

— Porque?

— Porque costume tomar dinheiro para trocar e.....

— Ah! sim? já intendo.

Muxingueiro, fogo!

— Ai capitão, ja não posso!

Estou todo.... mij..... ai!

— Dá-lhe nos beiços para calar-se, muxingueiro! Sem piedade!

— — — — —

— Illm. Sr. Gouveia Pescocinho.....

— Sr., não sou eu, não; o Gouveia que fez o diabo foi o que chamou o *Alabama* á responsabilidade na Bahia.

— Não, ninguém para que levantas falso ao outro? És tu mesmo; o outro é gravata, cousa que nem todos sabiam, como agora elle o diz e tu a quem por tal eu conhecia es agora pescocinho.

— Anda lá, Pescocinho dos seiscentos, diz-me uma cousa.

— Que é, Sr. capitão? que cousa, meu Pez? Eu não fiz nada, capitão, major, tenente coronel, coronel, brigadeiro, marechal de campo, tenente general, marechal d'exercito, generalissimo, imperador.....

— E inimigo dos ladões.

Lembras-te do caso da tia Quiteria?

— Quiteria! Grande Deus!

Quiteria! Misericórdia, meu grande homem; nem palayra sobre a pretinha!

— Muxingueiro!

— Prompto, capitão.

— Já outro dia metteste a cara deste safado na cloaca do navio, agora mette o chicote na cara deste ladrão!

— Grande Deus? nem pelo testamento soffri tanto!

— — — — —

## LA VAE VERSO.

—Passarinho, donde veiu.  
Que tanto quer comprar?

—Fui, sou, serci papagaio,  
Hei de por força fallar.

—E como tres mezes justos  
Na gaiola embatucou?

—E' que da França chegando  
A lingua o clima extrankou.

—Papagaio verde e aureo,  
Falle verdade, meu louro;  
Pois por um conselho dado  
Se enfurece como um touro?

Eu sei que só o egoismo  
E' sua lei, seu phanal,  
—Isso não, que as minhas cores  
Me apregñam liberal.

—Pois bem, será presidente,  
Que é todo o desejo seu,  
Liado, *augusto* papagaio,  
Não me defenda o judeu.

—Si judeu trouxer *gravata*,  
Ou ainda um *pescozinho*....

—Não Sr.; traz só colleira  
Por onde o pueba o sobrinho.

—E' então caxorro o homem?

—E' burro—cão presumptoso,  
Que em vez de trazer *gravata*  
Traz colleira mui garboso.

Coitado do homem,  
Coitado delle,  
Quiz tirar lau,  
Tiraram-lhe a pelle.

E' por que quem sobe  
Ha de vir a cahir.  
Este mundo tem cousas  
Que fazem rir.

Ca ca cá, ca ca cá,  
Qui qui qui, qui qui qui  
Metta medo ao diabo,  
Saia-se daqui.

## A PEDIDO.

Dizem que em virtude do que se tem publicado no *Diario* n.º 139, 142, 145, se requerera a todos os estabelecimentos bancarios desta cidade certidão da responsabilidade de Ribeiro & Gomes, e que uns negaram despacho; outros depois de terem dado cassaram com os requerimentos pretextando perda delles, e que as caixas Economica, Reserva Mercantil, e Hypothecaria indeferendo se havia replicado. Deus nos ajude ver providencias respeito a tal misterio.....

Pede-se ao Sr. sargento F. A. O. o favor de não tratar da vida de um seu com-

panheiro, veja que está em lugar onde todos o conhecem, e quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. Si do Sr. nunca foi queixa aos seus superiores, é porque sabe adular, e com industria afastar aquelles que isto tencionam; felizmente as queixas contra este que o Sr. propaga não tem sido por ladrocinhas, jogatinhas, embriaguez, báternas provocancias, e desordens, queixas estas que deshonram a um militar, o que talvez em epochas remotas isto alguém tenha praticado.

Lembre-se do adagio antigo—ama-se a traição e aborrece-se o traidor.

Bahia 24 de junho de 1864.

Um offendido.

Cabo da guarda?

—Prompto!

Quem é aquelle anjo de procição, que váe passando pelo largo da luxúria com um balão tão immoral?

—E' a filha d'um sujeito debochado, e amante do bello vinho de Santo Amaro.

—Como váe ella enthusiasmada, e cheia de fiducias!

Ja não se lemb a ella quando hua comprar cachaça, com os pés no chão.

—Alto lá camarada, não diga isto que pode offender.

—Qual offender, pois aquella *coisinha* tem vergonha?

Não vá adiante: olhe que os *capitães* da rua, onde ella mora, podem o prender.

—Si me prenderem, heide primeiro vingar me daquella *cigainha*.

Basta, tenho que fazer, amanhã conversaremos.

## ANNUNCIOS.

## A Gloria de Pirajá.

Com este titulo acha-se nos prelos uma quadrilha de walsas para piano a qual será distribuida do dia 29 em diante; as pessoas que a quizerem possuir e executar a no dia 2 de Julho dirigir-se-hão à rua do Collegio n. 10.